

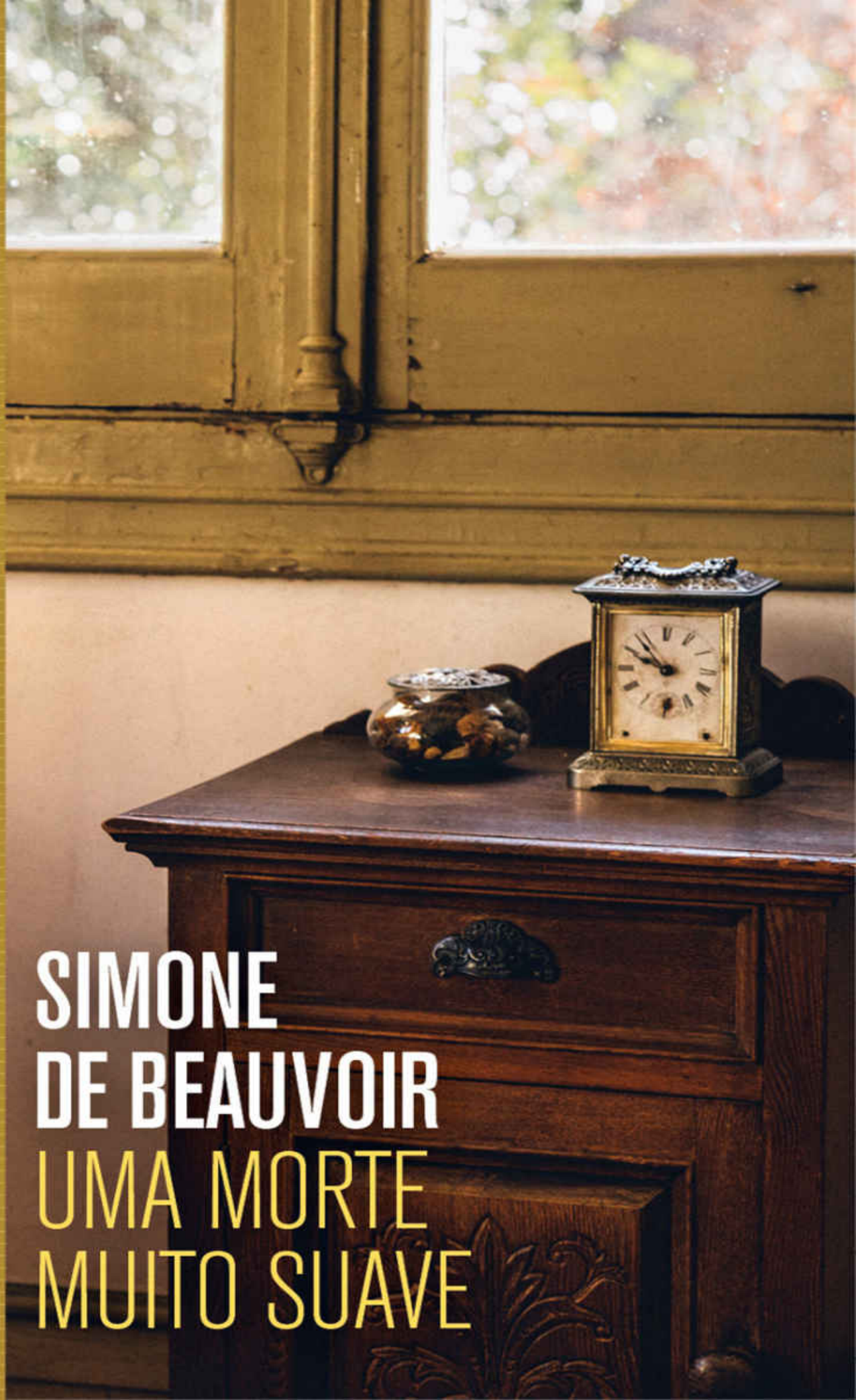
EDIÇÃO
ESPECIAL E
LIMITADA



COLEÇÃO
CLÁSSICOS
DE
OURO



SIMONE DE BEAUVOIR UMA MORTE MUITO SUAVE





UMA MORTE
MUITO SUAVE



COLEÇÃO
CLÁSSICOS
DE
OURO
•

SIMONE DE BEAUVOIR UMA MORTE MUITO SUAVE

3ª EDIÇÃO

TRADUÇÃO
ÁLVARO CABRAL

PREFÁCIO
LUCIA MURAT



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Título original: *Une Mort Très Douce*

Copyright © Éditions Gallimard 1966

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Candelária, 60 – 7º andar – Centro – 20091-020
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200

Imagem de capa: EujarimPhotography - Getty Images

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B352m

Beauvoir, Simone de

Uma morte muito suave [recurso eletrônico] / Simone de Beauvoir ; tradução de Álvaro Cabral, prefácio de Lucia Murat. - [3. ed.] - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.
recurso digital (Clássicos de ouro)

Tradução de: *Une Mort Très Douce*

Formato: ebook

Requisitos do sistema:

Modo de acesso: world wide web

ISBN 9788520944936 (recurso eletrônico)

1. Ficção francesa. 2. Livros eletrônicos. I. Cabral, Álvaro. II. Título. III. Série.

19-61637

CDD: 843
CDU: 82-3(44)

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

PREFÁCIO

Durante minha adolescência num Rio de Janeiro muito conservador, *O segundo sexo* era inevitavelmente o livro de cabeceira de toda menina que queria se libertar. E, Simone de Beauvoir, nossa inspiração. Por circunstâncias da vida e da ditadura brasileira, que me aprisionou, não tive a oportunidade de seguir os passos dela e ir estudar em Paris, como havia sonhado. Mas, na prisão, outros livros seus foram devidamente devorados.

Quando cheguei aos 65 anos, a questão da velhice me levou de volta à Simone. Procurando um norte para fazer um filme sobre o assunto, parti de um espetáculo de dança (*Qualquer coisa a gente muda*), que juntava uma grande bailarina de 85 anos, Angel Vianna, e uma outra no auge da técnica, Maria Alice Poppe. A ideia era unir os ensaios e o espetáculo dessas duas mulheres aos textos de Simone do livro *A velhice*, mas não sabia bem como fazer. Uma peça de teatro já tinha sido montada com esse material, e eu não queria remontá-la. O tempo passou e concluí a filmagem do espetáculo. Porém, eu não via como continuar o projeto. Alguns meses mais tarde, conversei sobre essa dificuldade com um cineasta português, e ele me sugeriu um pequeno livro de Simone de Beauvoir, não tão conhecido, que talvez pudesse me ajudar, porque era uma pérola. Estávamos em Paris e corri para comprar *Une mort très douce* (*Uma morte muito suave*). Fui imediatamente tomada pela leitura, descobrindo uma outra Simone: a Simone filha, que, como tal, revelava fragilidades e contradições além da mulher pensante e forte. Que texto! De uma poesia e uma delicadeza que logo nos levam à empatia, pois todos nós em algum momento perdemos alguém que fez parte de nossas vidas. E acompanhar o sofrimento da mãe pelas palavras de Simone nos dá a sensação de que a literatura pode e deve nos confrontar com nossos fantasmas.

Ver o sexo de minha mãe: isso me chocara. Para mim, não havia corpo que existisse menos do que o dela; mais ainda, não existia. Criança, amara-o; adolescente, inspirara-me uma repulsa inquieta: isso é clássico; e achava normal que tivesse conservado esse duplo caráter, repugnante e sagrado: um tabu. Mesmo assim, surpreendia-me com a violência de meu desgosto.

Nesse pequeno parágrafo, Simone nos ilumina com sua capacidade de sentir e refletir sobre as contradições da relação mãe-filha, a culpa pela repulsa diante de um corpo carcomido, o amor pela mãe. “Repugnante e sagrado”: a síntese.

São diversas as camadas que *Uma morte muito suave* aborda a partir de uma situação tão delicada e íntima — a doença e a perda da mãe — num período relativamente curto: “A história é muito conhecida: os pais são os últimos a admitir que têm filho louco, os filhos, que sua mãe tem um câncer.” Filha ou mãe, não importa, não se quer enxergar a verdade se a verdade é a nossa tragédia inadmissível.

Antecipando em muitos anos uma discussão atual, Simone questiona a onipotência da medicina e o direito a se optar pela morte em contraposição a um sofrimento desnecessário: “Mas para que atormentá-la, se ela está perdida? Que a deixem morrer tranquila”, disse-me Poupette em lágrimas.”

Mais adiante, falando do médico, diz: “Elegante, esportivo, dinâmico, ébrio de técnica, ele reanimava mamãe com ardoroso empenho: mas, para ele, mamãe representava o objeto de uma interessante experiência e não um ser humano.”

Sem se preocupar com cronologia, apenas com seus sentimentos e como eles a levavam a antigas recordações, Simone rememora sua infância e as dificuldades da relação com a mãe quando ela se liberta e enfrenta a sociedade conservadora francesa da época. A escritora revela a “vergonha” de sua mãe, aquela que “teve de renunciar a muitos sonhos” porque “os desejos de papai tinham sempre prioridade sobre os dela”. Ao mesmo tempo, sabia que a mãe não era apenas uma vítima, pois “ninguém pode dizer: ‘Eu me sacrifico’ sem experimentar certo azedume”. Descrito com tanta intimidade, o conflito com a mãe permanece atual, não fica restrito àquelas primeiras décadas do século XX.

E foi assim que, pouco a pouco, *Uma morte muito suave* me deu a chave para o meu filme *Em três atos*. Eu tinha ali, naquele livro, uma mulher que vivia a dor e a perda, enquanto que, em seu outro livro, *A velhice*, eu tinha essa mesma mulher trinta anos mais tarde, refletindo sobre tais questões. Esses dois textos poderiam, então, espelhar as duas bailarinas que tinham sido filmadas. Angel estaria representada nos textos sobre a velhice, e Maria Alice, com seu vigor, na Simone, a mulher que perdia a mãe. Restava apenas outro desafio: encontrar duas grandes atrizes que não

tivessem medo da literatura, que conseguissem falar, com intimidade, textos literários. E Nathalia Timberg foi perfeita proferindo as reflexões sobre a velhice, da mesma forma que Andréa Beltrão viveu as angústias de uma mulher forte que tem que lidar com a morte da mãe com quem tanto lutara.

Como ocorrera na adolescência, Simone mais uma vez me abria portas, me apresentava soluções, e eu me vi tomada por esse pequeno grande texto.

Lucia Murat[\[1\]](#)

SUMÁRIO

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Prefácio](#)

[Dedicatória](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça os títulos da Coleção Clássicos de Ouro](#)

[Colofão](#)

A minha irmã

*Do not go gentle into that good night.
Old age should burn and rave at close of day;
Rage, rage against the dying of the light...[\[2\]](#)*

Dylan Thomas

No dia 24 de outubro de 1963, uma quinta-feira, às quatro horas da tarde, eu estava no meu quarto do hotel Minerva, em Roma; deveria voltar para casa no dia seguinte de avião e arrumava a minha papelada quando soou o telefone. Bost chamava-me de Paris: “Sua mãe teve um acidente”, disse ele. Pensei: foi atropelada por um carro. Ela subia a muito custo da calçada para o passeio, apoiada em sua bengala, e um carro derrubara-a. “A pobre caiu no banheiro; fraturou o colo do fêmur”, esclareceu Bost. Moravam no mesmo edifício. Na véspera, por volta das dez da noite, subindo a escada com Olga, tinham notado que três pessoas os precediam: uma senhora e dois policiais. “É no segundo andar”, dizia a senhora. Teria acontecido alguma coisa à sra. de Beauvoir? Sim. Uma queda. Durante duas horas, ela arrastara-se pelo assoalho até conseguir chegar ao telefone; pedira a uma amiga, a sra. Tardieu, que providenciasse o arrombamento da porta do apartamento. Bost e Olga acompanharam-nos, encontrando mamãe por terra em seu roupão vermelho de veludo cotelê. A dra. Lacroix, que reside no prédio, diagnosticara uma ruptura do colo do fêmur; transportada ao serviço de urgência do hospital Boucicaut, mamãe passara a noite numa enfermaria comum. “Mas vou levá-la para a clínica C.”, disse-me Bost. “É onde opera um dos melhores ortopedistas, o professor B. Ela protestou, receava que isso fosse uma despesa excessiva para você. Mas acabei por convencê-la.”

Pobre mamãe! Tinha tomado com ela o café da manhã no meu regresso de Moscou, cinco semanas antes; como de costume, seu aspecto não era nada bom. Já lá ia o tempo, não muito distante, em que mamãe se gabava de não aparentar a idade que tinha; agora, era impossível alguém enganar-se a tal respeito: era uma mulher de 77 anos, em quem o tempo deixara profundas marcas. A artrose dos quadris, que se declarara após a guerra, piorara de ano para ano, apesar das curas de águas em Aix-les-Bains e das massagens: levava uma hora para dar uma simples volta no quarteirão onde morava. Sentia dores, dormia mal, apesar dos seis comprimidos de aspirina que ingeria diariamente. Nestes últimos dois ou três anos, sobretudo depois do último inverno, vi-lhe sempre aquelas olheiras arroxeadas, o nariz muito afilado, de asas quase transparentes, as faces

encovadas. Nada de grave, dizia seu médico, o dr. D.: desarranjos do fígado, preguiça intestinal; ele receitava alguns remédios, geleia de tamarindo para a prisão de ventre. Não me surpreendi de que nesse dia ela se sentisse adoentada; o que realmente me incomodava é que tivesse passado um mau verão. Poderia ter ido passar uma temporada num hotel ou num convento que aceitava pensionistas. Mas contava ser convidada, como todos os anos, para Meyrignac, pela minha prima Jeanne, ou para Scharrachbergen, onde vivia minha irmã. Ambas haviam posto empecilhos. Mamãe ficara em Paris, vazia, e onde chovia. “Eu, que jamais soube o que era ter pressentimentos sombrios, desta vez tive-os”, disse-me ela. Felizmente, pouco tempo depois de minha passagem, minha irmã recebera-a na Alsácia durante duas semanas. Agora, seus amigos estavam em Paris, eu também regressara: não fosse essa fratura, tê-la-ia certamente reencontrado com novo ânimo. Seu coração estava excelente, a pressão arterial era de uma jovem; eu jamais temera que ela pudesse ser vítima de um acidente brutal.

Telefonei-lhe por volta das seis horas para a clínica. Anunciei-lhe o meu regresso, a minha visita. Respondeu-me com voz vacilante. O professor B. pegou no telefone: operá-la-ia no sábado de manhã.

“Você me deixou dois meses sem cartas!”, disse-me ela quando me acerquei do leito. Protestei: tínhamo-nos voltado a ver nesse período, escrevera-lhe de Roma. Escutou-me com um ar incrédulo. A testa e as mãos ardiam de febre; a boca um pouco torcida articulava as palavras com dificuldade, como se seu pensamento estivesse envolto em neblina. Seria o efeito do choque? Ou, pelo contrário, teria sido a queda provocada por um pequeno ataque? Ela sempre tivera um tique. (Não, nem sempre, mas há muito tempo. Desde quando?) Piscava os olhos, alteava as sobrancelhas, a testa enrugava-se. Durante a minha visita, esse antigo cacoete, essa agitação, não parou por um instante sequer. E, quando voltavam a descair, suas pálpebras macias e túrgidas recobriam completamente as pupilas. O dr. J., um assistente, passou pelo quarto: a operação era inútil, o fêmur não se deslocara, três meses de repouso e o osso estaria soldado de novo. Mamãe pareceu aliviada. Voltou a contar de forma tumultuada seu esforço para chegar ao telefone, sua angústia; a gentileza de Bost e de Olga. Fora levada para Boucicaut de roupão, sem qualquer bagagem. Na manhã seguinte, Olga levava-lhe alguns objetos de higiene, água-de-colônia, um lindo penteador de lã branca. Aos seus agradecimentos, Olga respondera:

“Mas, senhora, é por afeto.” Mamãe repetiu várias vezes, num tom sonhador e comovido: “Ela me disse: é por afeto.”

“Ela estava tão embaraçada, tão confusa, com receio de estar causando incômodo, tão profundamente grata pelo que fazíamos por ela, que aquilo era de cortar o coração”, disse-me Olga à tardinha. Falou-me com indignação do dr. D. Irritado por se ter recorrido à dra. Lacroix, ele recusara-se a passar por Boucicaut na quinta-feira. “Fiquei pendurada vinte minutos no seu telefone”, contou-me Olga. “Depois daquele choque, depois da noite no hospital, sua mãe precisava ser reconfortada por seu médico habitual. Mas ele nem quis saber de nada.” Bost não achava que mamãe tivesse tido um ataque: quando ele a ergueu do chão, ela estava um pouco desorientada, mas lúcida. No entanto, tinha suas dúvidas de que mamãe ficasse restabelecida em três meses: a fratura do colo do fêmur, em si mesma, não é coisa de muita gravidade; mas uma imobilidade prolongada provoca escaras que, nas pessoas idosas, são difíceis de cicatrizar. A posição deitada fatiga os pulmões: o doente contrai uma pneumonia que o leva. Não me impressionei muito com essa opinião pessimista. Apesar de sua invalidez, minha mãe era sólida. E, no fim de contas, tinha a idade de morrer.

Bost prevenira minha irmã, com quem tive uma longa conversa ao telefone: “Eu já esperava isso!”, disse-me ela. Na Alsácia, ela achara mamãe tão envelhecida, tão debilitada, que dissera a Lionel: “Ela não passa deste inverno.” Certa noite, mamãe tivera fortes dores abdominais: chegara quase a pedir que a transportassem ao hospital. Mas, na manhã seguinte, ela estava recomposta. E, quando a conduziram de volta a casa, de automóvel, “encantada” — como ela dizia — “por sua estada”, já recuperara as forças e a alegria. Em meados de outubro, porém, uns dez dias antes de sua queda, Francine Diato chamara minha irmã. “Acabo de tomar o café com sua mãe. Encontrei-a tão mal que achei melhor avisá-la.” Sob um falso pretexto, minha irmã correu imediatamente a Paris e acompanhou mamãe a um radiologista. Depois de examinar as chapas, seu médico afirmou, categórico: “Não há motivo para preocupações. Formou-se uma espécie de bolsa no intestino, uma bolsa fecal, que torna a evacuação difícil. E, além disso, sua mãe come muito pouco, o que acarreta o risco de certas carências; mas não corre perigo algum.” Aconselhou mamãe a alimentar-se melhor e receitou-lhe novos remédios, muito enérgicos. “Mesmo assim, fiquei preocupada”, disse-me Poupette.

“Supliquei a mamãe que contratasse uma enfermeira para lhe fazer companhia à noite. Não quis: uma desconhecida dormindo na casa dela era uma ideia que não suportava.” Poupette e eu combinamos que ela viria a Paris duas semanas mais tarde, que era quando eu pretendia viajar a Praga.

No dia seguinte, a boca de mamãe ainda estava deformada, sua dicção atropelada; suas longas pálpebras toldavam-lhe os olhos e as sobrancelhas crispavam-se amiúde. Seu braço direito, que ela quebrara havia vinte anos, num tombo de bicicleta, não voltara a movimentar-se com total desenvoltura; e a queda recente machucara-lhe bastante o braço esquerdo, que mal podia mexer. Felizmente, fora tratada com minuciosa solicitude. Seu quarto dava para um jardim, longe dos ruídos da cidade. A cama fora deslocada, tinham-na posto ao longo da parede paralela à janela, de modo que o telefone, fixado nessa parede, estava ao alcance de sua mão. O tronco apoiado em almofadas, ela estava mais sentada do que deitada: os pulmões não se fatigariam tanto nessa posição razoavelmente confortável; seu colchão de ar, ligado a um aparelho elétrico, vibrava e massageava-a: assim, seria possível evitar as escaras. Todas as manhãs, um fisioterapeuta exercitava-lhe as pernas. Os perigos assinalados por Bost pareciam esconjurados. Em sua voz um pouco pastosa, sonolenta, mamãe disse-me que uma arrumadeira lhe cortava a carne, ajudava-a a comer e que suas refeições eram excelentes. Ao passo que em Boucicaut lhe tinham servido chouriço com maçãs! “Chouriço! Para doentes! Já se viu uma coisa dessas?” Ela falava com mais fluência que na véspera. Recuperava-se das duas horas de angústia em que se arrastara pelo chão, perguntando a si própria se conseguiria agarrar o fio do telefone e puxar o aparelho até si. “Um dia, eu disse a sra. Marchand, que também vive sozinha: ‘Felizmente, existe o telefone.’ E ela me respondeu: ‘Sim, mas é preciso chegar até ele.’” Num tom sentencioso, mamãe repetiu por várias vezes estas últimas palavras e acrescentou: “Se eu não tivesse conseguido, estava perdida.”

Teria ela podido gritar com suficiente força para ser ouvida? Não, certamente que não. Eu imaginava sua angústia. Mamãe acreditava no Céu; mas, apesar de sua idade, de seus achaques, de suas indisposições, estava obstinadamente agarrada à terra e tinha da morte um horror animal, instintivo. Contara a minha irmã um pesadelo que se repetia com frequência: “Perseguem-me, eu corro, corro, e esbarro contra um muro. É preciso saltar esse muro, e não sei o que haverá do outro lado; sinto medo.” Também lhe dissera: “A morte propriamente não me assusta, mas

tenho medo do salto.” Enquanto se arrastava pelo assoalho, acreditara ter chegado o momento do salto. Perguntei-lhe:

— Deve ter doído muito quando você caiu, não foi?

— Não. Não me lembro. Acho que nem doeu.

Então é porque perdeu a consciência, pensei. Ela recordava-se de ter sentido uma vertigem; acrescentou que, alguns dias antes, depois de ter tomado um de seus novos remédios, sentiu as pernas bambas; apenas tivera tempo de dar alguns passos e estender-se no seu divã. Olhei com desconfiança os vidros que mandara vir de casa — com outros objetos diversos — por nossa jovem prima Marthe Cordonnier. Mamãe insistia em continuar esse tratamento: seria oportuno?

O professor B. veio vê-la no fim do dia e acompanhei-o até o corredor; depois de restabelecida, disse ele, minha mãe não caminharia pior que antes: “Ela poderá reatar sua vidinha tranquila.” Em sua opinião, ela não teria sofrido uma síncope? Nada disso. Pareceu-me desconcertado quando o informei de que ela sofria de perturbações intestinais. Boucicaut assinalara uma fratura do colo do fêmur e ele ativera-se a isso. Mas providenciaria para que ela fosse examinada por um clínico geral.

— Você andarà exatamente como antes — disse eu à mamãe. — Poderà recomeçar sua vida como se nada tivesse acontecido.

— Ah! Nunca mais porei os pés naquele apartamento. Não quero voltar a vê-lo. Nunca. Por nada neste mundo!

Esse apartamento: tinha tido tanto orgulho dele! Embirrara com o da rua de Rennes, que meu pai, ao envelhecer, tomado de crônica hipocondria, enchia de explosões de mau humor. Após sua morte — seguida de perto pela da vovó —, ela quis romper com todas as suas recordações. Alguns anos antes, uma de suas amigas instalara-se num ateliê, e mamãe ficara entusiasmada com tal modernismo. Por razões que são conhecidas, era fácil encontrar alojamento em 1942, e ela pôde realizar seu sonho: alugou um estúdio com um balcão coberto na rua Blomet. Vendeu a mobília de escritório, de pereira escurecida, a sala de jantar Henrique II, a cama nupcial e o piano de cauda; conservou os outros móveis e um pedaço do velho tapete vermelho. Pendurou nas paredes quadros pintados por minha irmã. Em seu quarto instalou um divã. Subia e descia então alegremente a escada interna. Na verdade, eu não achava esse lugar muito alegre: situado num segundo andar, entrava nele pouca luz, apesar das amplas janelas envidraçadas. Nos cômodos de cima — dormitório, cozinha, banheiro —

estava sempre escuro. Era aí que mamãe passava a maior parte do tempo, depois que cada degrau da escada lhe arrancava um gemido. Em vinte anos, as paredes, os móveis, o tapete, tudo ficara sujo e decrepito. Mamãe fizera planos de se retirar para uma casa de repouso quando, em 1960, o imóvel mudara de proprietário e ela se julgou ameaçada de despejo. Nada encontrara que lhe conviesse e, além disso, sentia-se presa ao seu ramerrão cotidiano. Informada de que não tinham o direito de despejá-la, permaneceu na rua Blomet. Mas agora, suas amigas, eu mesma, íamos procurar-lhe uma casa de repouso agradável, onde ela se instalaria assim que entrasse em convalescença. “Você nunca mais voltará à rua Blomet, eu lhe prometo”, disse-lhe.

No domingo, ela ainda tinha os olhos semicerrados, a memória modorrenta, e as palavras caíam de sua boca em gotas pastosas. Descreveu-me de novo o seu “calvário”. De qualquer maneira, algo a reconfortava: que a tivessem levado para essa clínica, cujas virtudes ela superestimava. “Em Boucicaut, eles teriam me operado ontem! Aqui, parece que é a melhor clínica de Paris.” E, como o prazer de aprovar não era completo para ela se não fosse acompanhado de uma condenação, acrescentou, aludindo a uma clínica vizinha: “Isto aqui é muito melhor do que na clínica G. Disseram-me que a clínica G. não está lá grandes coisas!”

“Há muito tempo que eu não dormia tão bem”, disse-me na segunda-feira seguinte. Reencontrara sua fisionomia normal, uma voz clara e seus olhos enxergavam. Suas recordações estavam em ordem. “É, preciso mandar flores à dra. Lacroix.” Prometi encarregar-me disso. “E os dois policiais? Não lhes deveríamos dar alguma coisa? Afinal também lhes dei trabalho.” Tive dificuldade em dissuadi-la. Encostada nas almofadas, olhou-me nos olhos e disse em tom decidido: “Vê, estou abusando; sinto-me bastante cansada. Estive com a vida por um fio. Não queria admitir que fiquei velha. Mas é preciso saber encarar as coisas de frente; dentro de poucos dias terei 78 anos, é uma bela idade. Tenho que me organizar de acordo. Quero virar uma página.”

Contemplei-a com admiração. Obstinara-se por tanto tempo em acreditar-se jovem. A uma frase inábil de seu genro, mamãe replicara um dia, a voz agastada: “Eu sei, sei que sou velha, e isso me é sumamente desagradável; não quero que mo recordem.” De súbito, emergindo das

brumas em que flutuara durante três dias, ela encontrava forças para enfrentar, lúcida e resoluta, seus 78 anos. “Quero virar uma página.”

Ela virara uma página com surpreendente coragem após a morte de meu pai. Sua dor fora profunda e violenta, mas não se deixara afundar no passado. Tinha aproveitado o reencontro com a liberdade para reconstruir uma existência mais de acordo com os seus gostos. Papai não lhe deixara um tostão e ela estava com 54 anos. Passara em exames, fizera estágios e obtivera um diploma que lhe permitira trabalhar como bibliotecária auxiliar nos serviços da Cruz Vermelha. Reaprendera a andar de bicicleta para ir até o escritório. Depois da guerra, era sua intenção fazer costura a domicílio. Eu estava então em condições de ajudá-la. Mas a ociosidade não lhe agradava. Ávida de viver, enfim, à sua maneira, inventara uma porção de atividades. Ocupara-se graciosamente da biblioteca de um preventório nos arredores de Paris, depois da de um círculo católico de seu bairro. Adorava manipular livros, encapá-los, classificá-los, manter os fichários em dia, dar conselhos aos leitores. Estudava alemão, italiano, mantinha atualizado seu inglês. Bordava para instituições de caridade, participava em vendas beneficentes, não perdia uma conferência de interesse. Fizera grande número de novas amigas; também reatara com antigas relações e parentes que o humor taciturno de meu pai havia afastado. Reunia-os jovialmente em seu estúdio. E pudera, finalmente, satisfazer um de seus desejos mais obstinados: viajar. Lutava palmo a palmo contra a ancilose que lhe entorpecia as pernas. Foi visitar minha irmã em Viena e Milão. No verão, percorria, em seu passinho miúdo, as ruas de Florença e Roma. Foi visitar os museus da Bélgica e da Holanda. Nestes últimos tempos, quase paralítica, renunciara a correr o mundo. Mas quando amigos, primos, a convidavam a visitá-los no campo ou na província, nada a detinha; não hesitava em ordenar ao chefe da estação que a içasse para dentro do trem. Sua maior alegria era viajar de automóvel. Recentemente, sua sobrinha-neta, Catherine, levava-a a Meyrignac, de noite, em seu carrinho: mais de 450 quilômetros. Ela descera do carro fresca como uma flor.

Sua vitalidade maravilhava-me, e eu respeitava a sua coragem. Por que, logo que reencontrou o domínio da palavra, dizia coisas que me gelavam? Lembrando sua noite em Boucicaut, disse-me: “As mulheres do povo, você sabe como são: ficam gemendo e lamuriando-se.” Ou: “As enfermeiras, nos hospitais, só trabalham pelo dinheiro. Então...” Eram

frases rotineiras, mecânicas como a respiração, mas de qualquer modo animadas por sua consciência: impossível ouvi-las sem embaraço. Entristecia-me o contraste entre a verdade de seu corpo sofredor e as frivolidades de que sua cabeça estava recheada.

A fisioterapeuta aproximou-se da cama, afastou o lençol e apoderou-se da perna esquerda de mamãe: a camisola aberta revelava com indiferença seu ventre flácido, recoberto de minúsculas rugas, e o púbis glabro. “Já não tenho pudor nenhum”, disse ela num tom surpreendido. “Tem toda a razão”, respondi. Mas desviei-me da cama e fui absorver-me na contemplação do jardim. Ver o sexo de minha mãe: isso me chocara. Para mim, não havia corpo que existisse menos do que o dela; mais ainda, não existia. Criança, amara-o; adolescente, inspirara-me uma repulsa inquieta, isso é clássico, e achava normal que tivesse conservado esse duplo caráter, repugnante e sagrado: um tabu. Mesmo assim, surpreendia-me com a violência de meu desagrado. O consentimento despreocupado de minha mãe agravava-o; ela renunciara às interdições, às ordens que a haviam oprimido durante a vida inteira; e não podia deixar de aprová-la. Só que esse corpo, subitamente reduzido por essa renúncia a não ser mais do que um corpo, já não diferia muito de um despojo: pobre carcaça sem defesa, apalpada, manipulada por mãos profissionais, onde a vida parecia prolongar-se apenas por uma inércia estúpida. Para mim, minha mãe existira sempre, e eu jamais pensara seriamente que a veria desaparecer um dia, bem cedo. O seu fim, tal como o seu nascimento, situava-se num tempo mítico. Quando dizia de mim para mim: ela está na idade de morrer, eram palavras vazias, como tantas outras. Pela primeira vez, no entanto, eu percebia nela um cadáver adiado.

No dia seguinte de manhã, fui comprar as camisolas reclamadas pelas enfermeiras; curtas, para que não formassem pregas nas nádegas e provocassem escaras. “A senhora quer *nuisettes*? Camisas *baby-doll*?”, perguntavam-me as balconistas. Eu tateava *lingeries* tão frívolas quanto seus nomes, de tonalidades macias, espumosas, feitas para corpos jovens e alegres. Era um belo dia de outono, de céu azul: eu caminhava por um mundo de tons plúmbeos e dei-me conta de que o acidente de minha mãe me impressionara mais do que previra. Não sabia muito bem por quê. Ele arrancara-a de sua moldura, de seu papel, das imagens fixas em que eu a aprisionava. Reconhecia-a nessa mulher acamada, mas não reconhecia a piedade nem a espécie de confusão mental que ela suscitava em mim.

Acabei por escolher camisolas “três-quartos”, em tom rosa, com bolinhas brancas.

O dr. T., encarregado de vigiar o estado geral de mamãe, veio vê-la durante a minha visita.

— Parece-me que a senhora come muito pouco, não é verdade?

— Este verão andei muito rabugenta. Não tinha vontade de comer.

— Aborrecia-a cozinhar?

— Bem, eu preparava alguns quitutes e depois nem lhes tocava.

— Ah! Então não era preguiça: gosta de preparar bons petiscos?

Mamãe concentrou-se:

— Uma vez, fiz um suflê de queijo: provei duas colheradas e foi tudo.

— Então é assim — disse o médico, sorrindo, condescendente.

O dr. J., o professor B., o dr. T., vestidos com todo o apuro, perfumados, reluzentes, debruçavam-se lá do alto de seus poleiros sobre essa velhota desgrenhada, um tanto confusa e desconfiada: uns cavalheiros, uns senhores importantes. Eu reconhecia essa fútil importância: a dos magistrados do tribunal criminal em face de um réu que sacode a cabeça. “Então gosta de preparar bons petiscos?” Não se justificava sorrir quando mamãe se interrogava com uma confiante boa vontade; era sua saúde que estava em jogo. E com que direito B. me dissera: “Ela poderá reatar sua *vidinha* tranquila”? Eu recusava as suas providências. Quando pela boca de minha mãe era essa elite quem falava, eu me arrepiava; mas sentia-me solidária com essa doente pregada a seu leito e que lutava por rechaçar a paralisia, a morte.

Em compensação, tinha simpatia pelas enfermeiras; ligadas à sua doente pela familiaridade dos serviços rotineiros, para a doente humilhantes, para elas não raro repugnantes, o interesse que testemunhavam pelo bem-estar de mamãe tinha, pelo menos, a aparência de amizade. Jovem, bela, competente, a srta. Laurent, a fisioterapeuta, sabia encorajá-la, fazer com que ela se sentisse confiante em suas mãos, acalmá-la, sem se mostrar nunca superior.

— Amanhã faremos uma chapa do seu estômago — concluiu o dr. T. Mamãe agitou-se:

— Quer dizer que vou ter de engolir aquela droga tão desagradável.

— Bem, não é assim tão desagradável!

— Ah, sim, e muito!

Depois, sozinha comigo, lamentou-se:

— Não sabes como é ruim! Tem um gosto medonho!

— Não penses nisso por agora.

Mas não pensava em outra coisa. Desde que entrara na clínica, a comida era a sua principal preocupação. Seja como for, sua ansiedade infantil surpreendeu-me. Suportara sem fazer cara feia muitos achaques e dores. O medo de um medicamento desagradável esconderia uma inquietação mais profunda? Naquele momento, tal indagação não me ocorreu.

A sessão de radiografia — estômago, pulmões — decorrera sem novidades, disse-me no dia seguinte, e estava tudo em ordem. O rosto calmo, vestindo a camisola rosa de bolinhas brancas e o penteador emprestado por Olga, os cabelos reunidos numa trança grossa, mamãe já não tinha o ar de uma doente. Recuperara o uso do braço esquerdo. Desdobrava um jornal, abria um livro, tirava o telefone do gancho sem ajuda. Quarta-feira. Quinta. Sexta. Sábado. Ela fazia palavras cruzadas, lia um livro sobre Voltaire amoroso e a crônica em que Jean de Léry narra sua expedição ao Brasil; folheava *Le Figaro*, o *France-Soir*. Eu visitava-a todas as manhãs; não ficava mais de uma hora ou duas; ela tampouco demonstrava o desejo de que eu ficasse por mais tempo; recebia muitas visitas e, por vezes, ela própria se queixava: “Hoje tive aqui gente demais.” O quarto estava repleto de flores: ciclâmens, azaleias, rosas, anêmonas; sobre a mesinha de cabeceira amontoavam-se as latas de pastas de frutas, os bombons, os caramelos. Perguntei-lhe:

— Não te aborreces?

— Ah, não!

Ela descobrira o prazer de ser servida, cuidada, mimada. Antes, era um esforço muito duro erguer as pernas para vestir-se, procurando o apoio de um banquinho ou da borda da banheira; enfiar as meias exigia uma dolorosa ginástica. Agora, de manhã e ao fim da tarde, uma enfermeira friccionava-a com água-de-colônia e polvilhava-a de talco. Traziam-lhe as refeições numa bandeja. “Há uma enfermeira que me irrita”, disse-me ela. “Pergunta-me daqui a quanto tempo espero sair. Mas eu não quero sair.” Quando lhe anunciaram que dentro em breve poderia sentar-se numa poltrona e que a transfeririam em seguida para uma clínica de convalescença, mamãe amarrou a cara: “Vão me empurrar daqui para fora, querem ver-se livre de mim.” Por momentos, entretanto, interessava-se por seu futuro. Uma amiga falara-lhe de um asilo situado a uma hora de Paris: “Ninguém me irá ver, ficarei muito só!”, comentara ela, num tom

infeliz. Assegurei-lhe que não teria de se exilar e mostrei-lhe uma lista de endereços que compilara. Ela imaginava-se de bom grado lendo ou tricotando ao sol, no parque de um pensionato de Neuilly. Com uma ponta de mágoa mas também com certa malícia, dizia-me: “Vão ficar desolados no bairro por não me verem mais. Aquelas senhoras do Círculo vão sentir a minha falta.” Certa vez declarou-me: “Vivi demais para os outros. Agora quero tornar-me uma daquelas velhotas egoístas que só vivem para si mesmas.” Uma coisa a inquietava: “Já não serei mais capaz de fazer a minha toalete.” Tranquilei-a: uma dama de companhia, uma enfermeira, se encarregará disso. Nesse meio-tempo, refestelava-se com delícia num dos leitos da “melhor clínica de Paris, muitíssimo melhor do que a clínica G”. Era vigiada de perto; além dos raios X, faziam-lhe numerosas análises de sangue: tudo estava normal. Ao cair da tarde, tinha um pouco de febre; eu quis saber por quê, mas as enfermeiras pareciam não dar a isso importância alguma.

“Ontem vi gente demais, eles cansaram-me”, disse-me no domingo. Estava de mau humor. Suas enfermeiras habituais estavam de folga; uma novata entornara a comadre cheia de urina; a cama ficara empapada, até mesmo o travesseiro. Fechava frequentemente os olhos e suas lembranças toldavam-se. O dr. T. decifrava mal as chapas que lhe eram remetidas pelo dr. D., e teriam de proceder no dia seguinte a uma nova radiografia dos intestinos:

— Vão me fazer uma lavagem de sulfato de bário; é dolorosa! — queixou-se mamãe.

— E vão me chacoalhar, me levar a todo momento de um lado para o outro; queria tanto que me deixassem tranquila!

Apertei sua mão fria, um pouco úmida:

— Não pense nisso agora. Não fique ansiosa. A ansiedade lhe faz mal.

Pouco a pouco, recuperou a serenidade, mas parecia mais fraca do que na véspera. Telefonaram amigas suas, eu atendi.

— Muito bem, o telefone não para — prossegui. — A rainha da Inglaterra não seria mais mimada do que você: flores, cartas, balas, telefonemas! Há uma porção de gente que pensa em você!

Segurava sua mão cansada; conservou os olhos fechados, mas em sua boca triste aflorou um sorriso:

— Gostam de mim porque sou alegre.

Ela esperava muitas visitas na segunda-feira e eu tinha coisas a fazer. Só voltei na terça de manhã. Empurrei a porta e fiquei petrificada. Mamãe, tão magra, parecia ter emagrecido e encarquilhado ainda mais: ressequida, uma ruga contínua, um pedaço de sarmento rosa pálido. A voz um pouco perdida, murmurou: “Eles me desidrataram completamente.” Esperara até o fim da tarde que a radiografassem e, durante vinte horas, não lhe tinham permitido beber nada. A lavagem de barita não fora penosa, mas a sede e a ansiedade haviam-na extenuado. Seu rosto estava tenso, a infelicidade crispava-o. Que disseram as chapas? “Não as sabemos ler”, responderam-me as enfermeiras, com um ar assustado. Consegui ver o dr. T. Dessa vez, as indicações eram confusas; desaparecera a “bolsa”, segundo ele, mas o intestino estava bloqueado por espasmos, de origem nervosa, que desde a véspera o impediam de funcionar. Otimista obstinada, minha mãe era, contudo, uma nervosa, uma ansiosa: era o que explicava seus tiques. Exausta demais para receber visitas, pediu-me que desmarcasse por telefone a ida à clínica do padre P., seu confessor. Falou-me pouco e não foi possível arrancar-lhe um único sorriso.

“Até amanhã à tarde”, disse-lhe eu ao sair. Minha irmã chegou nessa noite e foi à clínica pela manhã. Às nove horas da noite, soou o meu telefone. Era o professor B. “Está de acordo em que eu coloque uma vigilante noturna junto da senhora sua mãe? Ela não está bem. A senhora contava vir à clínica amanhã à tarde, não é verdade? Acho preferível que esteja aqui pela manhã.” Acabou por me dizer que um tumor bloqueava o intestino delgado: mamãe tinha um câncer.

Um câncer. Era algo que estava no ar. E que até saltava aos olhos de quem quisesse ver: aquelas olheiras fundas, aquela magreza. Mas seu médico afastara tal hipótese. A história é muito conhecida: os pais são os últimos a admitir que têm filho louco, os filhos, que sua mãe tem um câncer. Acreditávamos ainda menos nessa possibilidade, porquanto era algo que mamãe temera a vida inteira. Aos quarenta anos, se esbarrava com o peito contra um móvel, ficava exasperada: “Vou ter um câncer no seio.” No último inverno, um de meus amigos fora operado de câncer no estômago: “É o que vai acontecer também comigo.” Eu dera de ombros: há uma séria diferença entre um câncer e uma preguiça intestinal que se trata com geleia de tamarindo. Não imaginávamos que a obsessão de mamãe pudesse jamais ser justificada. Entretanto — disse-nos ela mais tarde — foi em câncer que Francine Diato pensara: “Reconheci aquela máscara. E

também”, acrescentara ela, “aquele cheiro”. Tudo se esclarecia. A crise da mamãe na Alsácia provinha do seu tumor. O câncer provocara sua síncope, sua queda. E essas duas semanas de cama tinham precipitado a oclusão intestinal, de que ela estava ameaçada havia muito tempo.

Poupette, que telefonara por diversas vezes para mamãe, supunha-a de excelente saúde. Mais íntima com ela do que eu, também lhe era mais apegada. Eu não podia deixá-la chegar à clínica e descobrir abruptamente um rosto de moribunda. Liguei para ela, pouco depois da chegada do seu trem, na casa dos Diato. Já dormia: que despertar!

Havia greve dos transportes, do gás, da eletricidade, nessa quarta-feira, 6 de novembro. Pedi a Bost que me viesse buscar de carro. Antes de sua chegada, o professor B. telefonou-me de novo: mamãe vomitara a noite toda; não passaria, sem dúvida, desse dia.

As ruas estavam menos engarrafadas do que eu rezeira. Por volta das dez horas, encontrei Poupette diante da porta do quarto 114. Repeti-lhe as palavras do professor B. Desde a madrugada, informou-me ela, um reanimador, o dr. N., ocupava-se de mamãe; ele ia introduzir-lhe uma sonda pelo nariz a fim de lhe limpar o estômago: “Mas para que atormentá-la, se ela está perdida? Que a deixem morrer tranquila”, disse-me Poupette, em lágrimas. Pedi-lhe que se fosse juntar a Bost, que esperava no hall de entrada; ele a levaria para tomar um café. O dr. N. passou por mim, ia entrar no quarto, e retive-o: de blusa branca, touca branca, era um homem jovem, de rosto fechado:

— Para que essa sonda? Para que torturar mamãe, se já não existe esperança?

Fulminou-me com o olhar:

— Faço o que devo fazer.

Empurrou a porta. Momentos depois uma enfermeira disse-me que podia entrar.

A cama retomara sua posição normal, no meio do quarto, a cabeceira contra a parede. Do lado esquerdo, ligado ao braço de mamãe, havia um tubo de soro. Do nariz dela saía um outro tubo de plástico transparente que, através de maquinismos complicados, ia terminar num boião de vidro. As narinas estavam afiladas, seu rosto encarquilhara ainda mais, e pairava nele uma expressão de docilidade desolada. Num murmúrio, disse-me que a sonda não a incomodava muito, mas que, durante a noite, sofrera demais. Tinha sede e não podia beber; a enfermeira aproximava de sua

boca um conta-gotas que mergulhava num copo de água; mamãe umedecia os lábios, sem engolir; eu estava fascinada por esse movimento de sucção, simultaneamente ávido e contido, desse lábio sombreado de leve penugem, que se estendia tal como na minha infância, quando mamãe estava descontente ou zangada.

— Você queria que se lhe deixasse isso no estômago? — disse-me N. num tom agressivo, apontando o boião de vidro, cheio de substâncias amareladas. Nada respondi. No corredor, ele disse-me:

— De madrugada, não lhe restavam mais de quatro horas de vida. Ressuscitei-a. — Não me atrevi a perguntar-lhe: para quê?

Conferência de especialistas. Minha irmã conserva-se a meu lado, enquanto um médico e um cirurgião, o dr. P., apalpam o abdômen tumefacto. Mamãe geme sob os dedos deles, grita. Injeção de morfina. Ela volta a gemer. Pedimos: “Deem-lhe outra injeção!” Eles recusam, alegando que um excesso de morfina paralisaria o intestino. Que esperam, então? A eletricidade foi cortada, por causa da greve; enviaram uma amostra de sangue ao hospital americano, que possui gerador próprio. Estarão pensando numa operação?

— Isso é simplesmente impossível, a doente está demasiado fraca — diz-me o cirurgião ao sair do quarto. Ele afasta-se, e uma enfermeira idosa, a sra. Gontrand, que o ouviu, diz-me num impulso:

— Não a deixem ser operada! — Depois, colocou a mão sobre a boca, como se arrependida do que dissera: — Se o dr. N. soubesse que eu lhe disse isso! Falei-lhe como se ela fosse minha própria mãe.

Perguntei-lhe:

— Que aconteceria se a operassem? — Mas a enfermeira fechou-se num mutismo decidido e não me respondeu.

Mamãe adormeceu; saí, deixando com Poupette alguns números de telefone. Quando ela me chamou em casa de Sartre, por volta das cinco horas, havia esperança em sua voz:

— O cirurgião quer tentar a operação. As análises de sangue são muito animadoras; ela recuperou as forças, o coração resistirá. E, afinal de contas, não há a certeza absoluta de que se trate de um câncer; talvez seja uma simples peritonite. Nesse caso, ela tem uma chance. Você está de acordo?

(Não a deixem ser operada.)

— Estou de acordo. A que horas?

— Venha a partir das duas. Não lhe diremos que vai ser operada, mas que precisa de mais uma radiografia.

Não a deixem ser operada. Frágil argumento contra a decisão de um especialista, contra as esperanças de minha irmã. Será que mamãe voltará a acordar? Não era a pior das soluções. E eu não supunha que um cirurgião assumisse esse risco; ela escaparia. A operação precipitaria a evolução do mal? Era isso, sem dúvida, o que a sra. Gontrand queria dizer. Mas no ponto em que estava a oclusão intestinal, mamãe não sobreviveria três dias, e apavorava-me a ideia de uma agonia atroz.

Uma hora depois, Poupette soluçava na outra extremidade da linha: “Venha imediatamente. Eles a abriram; encontraram um tumor enorme, canceroso...” Sartre desceu comigo e acompanhou-me no táxi até a porta da clínica. Eu sentia um nó de angústia fechando-me a garganta. Um enfermeiro indicou-me a antessala onde minha irmã esperava, entre o hall de entrada e a sala de operações. Ela estava tão transtornada que pedi que lhe dessem um tranquilizante. Os médicos, contou-me ela, tinham prevenido mamãe, num ar muito natural, de que antes de radiografá-la lhe dariam uma injeção calmante; o dr. N. adormeceu-a; durante toda a anestesia, Poupette ficara segurando a mão de mamãe, e eu imaginava que terrível provação teria sido para ela ver todo nu aquele velho corpo devastado que era o corpo de sua mãe. Os olhos estavam revirados, a boca, aberta: esse rosto ela jamais poderia esquecer também. Mamãe fora transportada para a sala de operações, de onde o dr. N. sairia momentos depois: dois litros de pus no ventre, o peritônio estourado, um tumor enorme, um câncer da pior espécie. O cirurgião dedicava-se agora a retirar tudo o que podia ser eliminado. Enquanto esperávamos, entrou minha prima Jeanne com sua filha Chantal; tinha chegado de Limoges e esperava encontrar mamãe tranquilamente acamada; Chantal trazia para ela um livro de palavras cruzadas. Perguntávamo-nos o que dizer a mamãe quando despertasse. Era simples: a radiografia mostrara que ela tinha uma peritonite e haviam decidido logo operá-la.

— Acabaram de subir mamãe para o seu quarto — anunciou N. Ele estava exultante: semimorta nessa manhã, ela suportara muito bem uma grave e demorada intervenção. Graças a métodos de anestesia ultramodernos, o coração, os pulmões, todo o organismo continuara funcionando normalmente. Sem dúvida, conseguira realizar uma soberba façanha técnica; quanto às consequências, ele lavava as mãos, sem dúvida.

Minha irmã dissera ao cirurgião: “Operem mamãe. Mas, se for um câncer, prometam-me que não a deixarão sofrer.” Ele prometeu. Que valia a palavra dele?

Mamãe dormia, deitada de barriga para cima, uma palidez cerosa, o nariz afilado, a boca aberta. Minha irmã e uma auxiliar de enfermagem a vigiariam. Voltei para casa, conversei com Sartre, ouvimos Bartok. De súbito, às onze da noite, uma crise de lágrimas que por pouco não degenera em crise de nervos.

Estupefação. Quando meu pai morreu, não verti uma única lágrima. Dissera nessa altura a minha irmã: “Com mamãe será a mesma coisa.” Todas as minhas mágoas, todas as minhas dores, até essa noite, eu as compreendera: mesmo quando me submergiam, reconhecia-me nelas. Desta vez, o desespero escapara ao meu controle: alguém que não era eu chorava em mim. Falei a Sartre da boca de minha mãe, tal como a vira pela manhã, e tudo o que eu decifrara nela: uma gula recusada, uma humildade quase servil, esperança, aflição, uma solidão — a de sua morte, a de sua vida — que não queria confessar-se. E a minha própria boca, disse-me ele, tampouco me obedecia: colocara a de mamãe sobre o meu rosto e imitava-lhe, sem querer, a mímica. Toda a sua pessoa, toda a sua existência, aí se materializavam, e a compaixão me dilacerava.

Não creio que minha mãe tenha sido uma menina feliz. Somente a ouvi recordar uma única lembrança agradável: o jardim de sua avó, numa aldeia da Lorena; as ameixas amarelas e as rainhas-cláudias que se comiam, ainda quentes, nas árvores. De sua infância em Verdun nada me contou. Havia uma foto que a representava, aos oito anos, disfarçada de margarida.

— Você tinha uma linda fantasia.

— Sim — respondeu-me — mas as meias eram verdes e desbotaram, a cor incrustou-se-me na pele e foram precisos três dias para livrar-me dela.

— Sua voz era de desencanto quando relembrava todo um passado de azedume. Por mais de uma vez queixou-se a mim da secura de sua mãe. Vovó, aos cinquenta anos, era uma mulher distante, mesmo altiva, que ria pouco, fuxicava muito e demonstrava por mamãe uma afeição meramente convencional; fanaticamente dedicada ao marido, seus filhos tinham ocupado em sua vida um lugar apenas secundário. De vovô, mamãe disse-me muitas vezes, com ressentimento: “Ele só tinha olhos para sua tia Lili.” Cinco anos mais jovem do que ela, loura e rosada, Lili suscitou na irmã mais velha um ardente e indisfarçável ciúme. Até perto de minha adolescência, mamãe atribuiu-me as mais altas qualidades intelectuais e morais: ela identificava-se comigo; humilhava e depreciava minha irmã; ela era a caçula, loura e rosada, e, sem se aperceber disso, mamãe vingava-se nela.

Falava-me com orgulho do colégio Oiseaux e da madre superiora cuja estima consolara seu amor-próprio. Mostrou-me uma fotografia de sua turma: seis meninas sentadas num jardim, entre duas religiosas. Eram quatro internas, vestidas de preto, e duas externas, em uniforme branco: mamãe e uma de suas amigas. Todas têm blusas de gola alta, saias compridas, coques austeros. Seus olhos nada exprimem. Mamãe entrou na vida sufocada pelos mais rígidos princípios: decoro provinciano e moral de colégio de freiras.

Aos vinte anos, sofreu nova decepção afetiva: o primo de quem se enamorara preteriu-a por outra prima, minha tia Germaine. Desses dissabores ela conservou a vida inteira um fundo de suscetibilidade e secreto rancor. Junto de papai, ela desabrochou. Amava-o, admirava-o e,

durante dez anos, ele a satisfazia fisicamente, sem dúvida. Era doido por mulheres, tivera numerosas aventuras e pensava — como Marcel Prévost, a quem lia deleitado — que não se deve tratar a jovem esposa com menos ardor do que uma amante. O rosto de mamãe, com esse leve buço que sombreava seu lábio superior, denunciava uma ardente sensualidade. O entendimento de ambos saltava aos olhos: ele acariciava os braços de mamãe, adulava-a, dizia-lhe frases ternas e corriqueiras. Revejo-a certa manhã — eu tinha seis ou sete anos — descalça sobre o tapete vermelho do corredor, em sua longa camisola de tecido branco; seus cabelos caíam em cachos ondulados sobre a nuca, e fiquei deslumbrada com seu sorriso radiante, vinculado por mim, de maneira misteriosa, a esse quarto de onde ela saía; eu mal reconhecia nessa vaporosa aparição a grande e respeitável pessoa que era minha mãe.

Mas nada aboliu jamais a nossa infância. E a felicidade de mamãe não estava isenta de nuvens. Já em sua viagem de núpcias, manifestara-se o egoísmo de papai; ela desejava visitar os lagos italianos; não passaram de Nice, onde se iniciava a temporada das corridas de cavalos. Mamãe recordava com frequência essa decepção, sem ressentimento, mas não sem uma ponta de mágoa. Ela adorava viajar. “Gostaria de ter sido uma exploradora”, dizia. Os melhores momentos de sua juventude tinham sido as excursões a pé ou de bicicleta organizadas por vovô através dos Vosges e do Luxemburgo. Ela teve de renunciar a muitos sonhos; os desejos de papai tinham sempre prioridade sobre os dela. Deixou de ver suas amigas pessoais, cujos maridos papai achava aborrecidos. Ele só se mostrava satisfeito nos salões ou no ambiente teatral. Mamãe seguia-o alegremente, pois tinha o gosto das mundanidades. Mas sua beleza não a protegia contra a malevolência; ela era provinciana, pouco desembaraçada; nesse meio bem parisiense, sorriam de suas maneiras desajeitadas. Algumas das mulheres que ela aí encontrava tinham tido ligações com papai: imagino os cochichos, as maledicências. Papai conservava em sua escrivaninha a fotografia de sua última amante, bela e brilhante, que vinha às vezes a nossa casa com o marido. Ele disse a mamãe, rindo, trinta anos depois: “Você deu sumiço na foto dela.” Mamãe negou, sem convencê-lo. O que é certo é que na própria época de sua lua de mel ela tinha sofrido em seu amor e em seu orgulho. Violenta, intransigente, suas feridas tardavam a sarar.

E depois veio a falência de meu avô. Ela sentiu-se desonrada, a ponto de romper com todas as suas relações de Verdun. O dote prometido a meu pai não se concretizou. Mamãe achou sublime que ele não tivesse levado isso a sério, e toda a sua vida se sentiu em falta com o marido.

De qualquer modo: um casamento bem-sucedido, duas filhas que muito lhe queriam, um certo desafoço econômico, mamãe, até o fim da guerra, não se queixava de sua sorte. Era terna, alegre, e seu sorriso me encantava.

Quando a situação de papai mudou e conhecemos uma semipobreza, mamãe decidiu manter a casa sem ajuda. Infelizmente, as tarefas domésticas eram-lhe enfadonhas e, entregando-se a elas, pensava estar se rebaixando. Era capaz de se esquecer, sem esperar recompensa para si, pelo amor a meu pai, a nós. Mas ninguém pode dizer “eu me sacrifico” sem experimentar certo azedume. Uma das contradições de mamãe é que acreditava na grandeza da dedicação e, entretanto, tinha gostos, repugnâncias, desejos imperiosos demais para não detestar aquilo que a molestava. E insurgia-se constantemente contra as obrigações e privações que ela própria se impunha.

É pena que os preconceitos a tivessem impedido de adotar a solução a que iria aderir vinte anos mais tarde: trabalhar fora. Tenaz, conscienciosa, dotada de boa memória, poderia ter sido bibliotecária, secretária: teria subido em sua autoestima, em vez de sentir-se diminuída. Teria tido relações próprias. Teria escapado a uma dependência que a tradição a fazia achar natural mas que não se quadrava, em absoluto, com o seu caráter e o seu temperamento. E, sem dúvida, teria então suportado melhor a frustração que sofria.

Não recrimino meu pai. É sobejamente sabido que, no homem, o hábito mata o desejo. Mamãe perdera seu frescor, e ele, sua fogosidade. Para despertá-la, ele recorria às profissionais do café de Versalhes ou às pensionistas do Sphinx. Vi-o, por mais de uma vez, entre meus quinze e vinte anos, voltar para casa às oito horas da manhã, tresandando a álcool e contando, com ar embaraçado, histórias de bridge ou de pôquer. Mamãe recebia-o sem drama; talvez acreditasse nele, tanto se exercitara em fugir às verdades incômodas. Mas não se habituava à indiferença dele. Que o casamento burguês seja uma instituição antinatural, o seu caso bastaria para me convencer disso. A aliança enfiada em seu dedo tinha-a autorizado a conhecer o prazer; seus sentidos haviam se tornado exigentes; aos 35 anos, na força da vida, já não lhe era permitido saciá-los. Ela

continuava dormindo ao lado do homem a quem amava e que já quase nunca a procurava: mamãe esperava-o, consumia-se, em vão. Uma total abstinência teria ferido menos seu orgulho do que essa promiscuidade. Não me surpreende que seu humor se tivesse alterado: bofetadas, gritaria, cenas, não apenas na intimidade, mas até na presença de convidados. “Françoise tem um gênio de cão”, dizia papai. Ela admitia “perder as estribeiras” facilmente, mas não escondia seu ressentimento quando ficava sabendo o que as pessoas diziam dela: “Françoise é tão pessimista!” ou “Françoise está ficando neurastênica”.

Jovem, adorava arrumar-se. Seu rosto se iluminava quando lhe diziam que ela parecia minha irmã mais velha. Um primo de papai, que tocava violoncelo e a quem mamãe acompanhava ao piano, fazia-lhe respeitosamente a corte; quando ele casou, mamãe detestou a mulher dele. Quando sua vida sexual e sua vida mundana se degradaram aos poucos, salvo nas circunstâncias especiais em que era obrigatório “arrumar-se”, mamãe deixou de se cuidar. Recordo-me de uma volta de férias; ela esperava-nos na estação, com um bonito chapéu de veludo, um pequeno véu, o rosto levemente maquilado. Minha irmã gritara, encantada: “Mamãe, você está parecendo uma grã-fina!” Ela riu sem segundas intenções, pois já não se vangloriava de sua elegância. Para suas filhas, para si própria, levava até a falta de higiene o desprezo pelo corpo que lhe tinham ensinado no convento. Entretanto — esta era outra de suas contradições —, conservara o desejo de agradar; os elogios lisonjeavam-na, e respondia-lhes com coquetismo. Ficou toda prosa quando um amigo de meu pai lhe dedicou um livro (publicado por conta do autor): “Para Françoise de Beauvoir, cuja vida é objeto de minha admiração.” Homenagem ambígua: ela merecia admiração por uma vida apagada que a privava de admiradores.

Carente de alegrias do corpo, privada de satisfações da vaidade, submetida a tarefas que a aborreciam e humilhavam, essa mulher orgulhosa e obstinada não estava dotada para a resignação. Entre seus acessos de cólera, não parava de cantar, de gracejar, de tagarelar, abafando sob o ruído os murmúrios de seu coração. Depois da morte de papai, quando tia Germaine sugeriu que ele não fora um marido ideal, mamãe aplicou-lhe uma violenta descompostura: “Ele fez-me sempre muito feliz, é bom que saiba!” E certamente nunca deixara de o afirmar. De qualquer modo, esse otimismo de encomenda não bastava para satisfazer sua

avidez. Precipitou-se então na única saída que se lhe oferecia: alimentar-se das vidas jovens que estavam a seu cargo. “Eu, pelo menos, jamais fui egoísta, vivi para os outros”, disse-me ela mais tarde. Sim, mas também pelos outros. Possessiva, dominadora, ela teria querido conservar-nos inteiramente na palma de sua mão. Mas foi no momento em que essa compensação se lhe tornara necessária que nós começamos a desejar a liberdade, a independência. Conflitos fermentaram, eclodiram, que não ajudaram mamãe a reencontrar seu equilíbrio.

Ela era, porém, a mais forte: sua vontade levou a melhor. Em casa, era preciso deixar todas as portas abertas; eu devia estudar sob seus olhos, tinha que me ver desde o quarto onde ela estivesse. Quando, de noite, minha irmã e eu tagarelávamos, de uma cama a outra, ela colava o ouvido à parede, roída de curiosidade, e gritava: “Calem-se!” Não nos deixou aprender a nadar e impediu que papai nos comprasse bicicletas: através desses prazeres de que ela não teria compartilhado, teríamos escapado ao seu controle absoluto. Se ela exigia participar de todas as nossas distrações, não era apenas porque tinha poucas; por motivos que remontavam, sem dúvida, à sua própria infância, não tolerava sentir-se excluída. Não hesitava em impor-se, mesmo quando se sabia importuna ou indesejável. Uma noite, em La Grillère, encontrávamo-nos na cozinha, com um grupo de rapazes e moças, amigos de nossos primos; estávamos cozinhando lagostins que havíamos pescado nessa mesma noite, com lanternas. Mamãe surgiu, a única pessoa adulta: “Tenho todo o direito de cear com vocês.” Deixou-nos a todos gelados, mas ficou. Mais tarde, meu primo Jacques combinara encontrar-se conosco à porta do Salão de Outono; mamãe acompanhou-nos; ele não apareceu. “Vi sua mãe e caí fora”, disse-me ele no dia seguinte. A presença dela nunca era discreta. Quando recebíamos amigos — “Tenho todo o direito de lanchar com vocês” —, ela açambarcava a conversa. Em Viena, em Milão, minha irmã ficou frequentemente consternada pelo atrevimento com que mamãe, durante um jantar mais ou menos oficial, se lançava para a frente.

Essas intrusões confrangedoras, esses acessos de importância, eram para ela outros tantos momentos de desforra: mamãe não tinha ocasiões frequentes para se afirmar. Via pouca gente; e, quando papai vivia, era ele quem dominava a cena. A frase que nos irritava, “tenho todo o direito”, prova, com efeito, sua falta de segurança; seus desejos não se justificavam por si mesmos. Incapaz de se conter e megera em certas horas, quando de

cabeça fria era capaz de uma descrição que tocava as raízes da humildade. Fazia cenas a papai por ninharias sem pés nem cabeça, mas não se atrevia a pedir-lhe dinheiro, não o gastava consigo e o menos possível conosco; deixava-o docilmente passar todas as noites fora de casa e sair sozinho aos domingos. Depois de sua morte, quando ela dependeu de nós, manteve a nosso respeito o mesmo escrúpulo: não nos incomodar. Convertida em nossa dependente, não dispunha de outra forma de nos testemunhar seus sentimentos, ao passo que outrora os cuidados que tomava a nosso respeito justificavam, a seus olhos, a sua tirania.

Seu amor às filhas era profundo, ao mesmo tempo que exclusivo, e o grande pesar com que o sofriamos refletia seus próprios conflitos. Muito vulnerável — era capaz de remoer durante vinte ou quarenta anos uma recriminação ou uma crítica —, o ressentimento difuso que se alojava nela traduzia-se por condutas agressivas: franqueza brutal, ironias pesadas; em relação a nós, manifestava amiúde uma ruindade mais leviana do que sádica: não queria a nossa infelicidade, mas tão somente provar para si mesma o seu poder. Enquanto eu estava de férias na casa de Zaza, minha irmã escreveu-me; falava-me, em estilo de adolescente, de seu coração, de sua alma, de seus problemas; respondi-lhe. Mamãe abriu minha carta e leu-a em voz alta diante de Poupette, rindo às gargalhadas de suas confidências. Furiosa, Poupette esmagou-a com seu desprezo e jurou jamais lhe perdoar. Mamãe caiu em prantos e suplicou-me, por carta, que as reconciliasse, o que eu fiz.

Era principalmente sobre minha irmã que ela se empenhava em assegurar seu domínio, e sentia inveja de nossa amizade fraterna. Quando soube que eu perdera a fé, gritou para Poupette, irada: “Eu a protegerei contra a influência dela! Eu a defenderei!” Durante as férias, proibiu-nos de nos ver a sós: encontrávamo-nos clandestinamente nos castanhais. Esse ciúme atormentou-a a vida inteira, e nós mantivemos até o fim o hábito de esconder-lhe a maioria dos nossos encontros.

Mas, também com frequência, o calor de sua afeição comovia-nos. Por volta dos 17 anos, Poupette foi a causa involuntária de uma desavença entre papai e “tio” Adrien, a quem ele considerava o seu melhor amigo; mamãe defendeu-a bravamente contra papai, que durante meses não dirigiu sequer a palavra à filha. Em seguida, recriminou minha irmã por não sacrificar sua vocação de pintora às necessidades alimentares e por continuar vivendo na casa; não lhe deu nem mais um tostão para seus

gastos e apenas o bastante para a sua alimentação. Mamãe sustentava-a e virava-se como podia para ajudá-la. Quanto a mim, não esqueci com que boa vontade, após a morte de papai, me encorajou a partir em viagem com uma amiga, quando bastaria um suspiro seu para me reter em casa.

Estragava suas relações com os outros por imperícia: nada havia de mais lastimável que seus esforços para distanciar-me de minha irmã. Quando o nosso primo Jacques — a quem mamãe dedicava um pouco do amor que sentira pelo pai dele — começou a espaçar suas visitas à rua de Rennes, ela recebia-o todas as vezes com recriminações que acreditava serem risonhas, mas que ele achava irritantes, e passou a visitar-nos cada vez menos. Havia lágrimas em seus olhos quando resolvi instalar-me na casa da vovó, e fiquei-lhe agradecida por não esboçar sequer uma cena de ternura: mamãe evitava-as sempre. Entretanto, nesse ano, toda vez que eu jantava em casa, ela resmungava que eu estava desprezando a família, quando, de fato, aparecia com frequência. Por orgulho, por princípio, ela nada queria pedir; em seguida, queixava-se de receber muito pouco.

Era incapaz de falar de suas dificuldades a quem quer que fosse, e mesmo a si própria. Não a tinham habituado a ver claro em seu íntimo, nem a usar de seu próprio discernimento. Precisava abrigar-se atrás de autoridades; mas as que ela respeitava não se harmonizavam: não havia qualquer ponto em comum entre a madre superiora do colégio Oiseaux e papai. Vivi essa oposição no decurso de minha formação intelectual, e não depois que ela terminou; eu tinha, graças à minha infância, uma confiança em mim de que minha mãe estava desprovida; o caminho da contestação, que foi o meu, estava fechado para ela. Pelo contrário, ela optou por ser da opinião de todo mundo: o último que falasse era o que tinha razão. Mamãe lia muito; mas, apesar da boa memória, esquecia quase tudo: um conhecimento preciso, uma opinião firme teriam impossibilitado as reviravoltas que as circunstâncias a todo instante ameaçavam impor-lhe. Mesmo depois da morte de papai, ela conservou essa prudência. Suas adesões eram, pois, decididas mais de harmonia com as suas ideias. Estava do lado dos católicos “esclarecidos” contra os integralistas. Entretanto, existiam divergências entre suas relações. E, por outro lado, embora eu vivesse no erro, minhas opiniões contavam em muitos planos: e também as de minha irmã e Lionel. Mamãe temia passar por “idiota” a nossos olhos. Continuou, portanto, alimentando brumas em sua cabeça e dizendo sim a tudo, sem se espantar com coisa alguma. Em seus últimos anos,

lograra alcançar uma certa coerência; mas na época em que sua vida afetiva foi profundamente atormentada, ela não tinha doutrina, nem conceitos, nem palavras para racionalizá-la. Daí provinha seu mal-estar inquieto, assustado.

Pensar contra si mesmo é frequentemente uma atitude fecunda, mas no caso de minha mãe a história era outra: ela viveu contra si mesma. Rica em apetites, empregou toda a sua energia para reprimi-los e suportou essa renúncia convertendo-a em cólera. Em sua infância, comprimiram seu corpo, seu coração, seu espírito, num espartilho de princípios e interdições. Ensinarão-na a apertar ela mesma, com firmeza, os cordões. Subsistia nela uma mulher corajosa e arrebatada: mas contrafeita, mutilada e estranha a si própria.

Telefonei para minha irmã assim que acordei. Mamãe recobrou a consciência no meio da noite; sabia que a tinham operado e não parecia muito surpreendida. Chamei um táxi. O mesmo trajeto, o mesmo outono tépido e azul, a mesma clínica. Mas eu entrava agora numa outra história: em vez de uma convalescença, uma agonia. Antes, eu vinha passar aqui horas neutras; atravessava o hall com indiferença. Desenrolavam-se dramas por detrás de portas fechadas; nada transpirava deles. Agora, um de seus dramas era o meu. Subi a escada o mais depressa, o mais lentamente possível. Na porta estava agora afixado um aviso: *Visitas proibidas*. O cenário mudara. A cama estava disposta como ontem, os dois lados livres, distanciados das paredes. As balas tinham sido arrumadas no armário, os livros também. Na grande mesa do canto já não havia flores, mas frascos, boiões de vidro, tubos e provetas. Mamãe dormia, não tinha sonda no nariz, era menos penoso olhá-la; mas percebia-se sob a cama a presença de recipientes e tubos que comunicavam com o estômago e o intestino. O braço esquerdo estava ligado a um conta-gotas. Já não vestia roupa alguma: a penteadeira de lã estava estendida como uma manta sobre seu busto e ombros. Uma nova personagem tinha entrado em cena: uma acompanhante particular, a srta. Leblon, graciosa como um retrato de Ingres; uma touca azul protegia-lhe os cabelos, seus pés estavam enfiados em pantufas brancas que abafavam os passos; ela vigiava o conta-gotas, sacudia levemente um frasco para nele diluir o plasma. Poupette disse-me que, depois da intervenção cirúrgica, uma prorrogação de algumas semanas, talvez de meses, não era impossível. Ela perguntara ao professor B.:

— Mas que diremos a mamãe quando o mal recomeçar em outro lugar?

— Não se preocupe. Encontraremos um jeito. Sempre se encontra. E o doente acredita sempre em você.

Mamãe abriu os olhos no começo da tarde; falou num tom quase inaudível mas lucidamente.

— Vejam só! — disse eu. — Você quebrou uma perna e a operam de apendicite!

Ergueu um dedo e cochichou, com um certo orgulho:

— Nada de apendicite. Pe-ri-to-ni-te. — E acrescentou: — Que sorte... estar aqui.

— Está contente por me ver aqui?

— Não. Eu.

Uma peritonite: e sua presença nessa clínica a salvara! Começava a traição.

— Estou feliz por não ter mais essa sonda. Muito feliz!

Esvaziada das imundícies que na véspera inchavam seu ventre, ela não sofria mais. E, com suas duas filhas à cabeceira, acreditava-se em total segurança. Quando entraram os médicos N. e P., ela disse-lhes, numa voz satisfeita:

— Não estou abandonada — antes de voltar a fechar os olhos. Eles trocaram comentários.

— É extraordinário como ela se recuperou depressa! É espetacular!

De fato. Graças às transfusões e perfusões, o rosto de mamãe recuperara suas cores e um ar de saúde. A pobre coisa dolorosa que jazia sobre aquele leito na véspera convertera-se de novo em mulher.

Mostrei-lhe o livro de palavras cruzadas que Chantal trouxera para ela. Mamãe balbuciou, dirigindo-se à acompanhante:

— Tenho um grosso dicionário Larousse, o novo, permiti-me o luxo de o comprar para mim, por causa das palavras cruzadas.

Esse dicionário: uma de suas últimas alegrias; falara-me dele por muito tempo, antes de se resolver a comprá-lo; ficava radiante cada vez que eu o consultava.

— Vou trazê-lo para cá — disse-lhe eu.

— Sim. E também Le Nouvel Œdipe, não consegui encontrá-lo...

Era preciso recolher junto a seus lábios as palavras que ela proferia num sopro que lhes dava um tom de mistério, tornando-as perturbadoras como oráculos. Suas lembranças, seus desejos, suas preocupações fluíam fora do tempo, transformados em sonhos irrealis e pungentes por sua voz pueril e pela iminência de sua morte.

Ela dormiu muito; de quando em quando, aspirava algumas gotas d'água através da pipeta; cuspiu, em lenços de papel que a acompanhante apertava contra sua boca. No começo da noite, começou a tossir; a srta. Laurent, que veio saber como iam as coisas, endireitou-a, massageou-a, ajudou-a a expectorar. Então mamãe dirigiu-lhe um amplo sorriso; o primeiro em quatro dias.

Poupette decidira passar as noites na clínica: “Você assistiu à morte de papai e de vovó; eu estava longe”, disse-me ela; “de mamãe sou eu quem vai encarregar-se. Além disso, tenho vontade de ficar com ela.” Concordei. Mamãe surpreendeu-se:

— Por que queres dormir aqui?

— Eu dormi no quarto de Lionel quando foi operado: isso se faz sempre.

— Ah, bom!

Voltei para casa gripada, febril. Ao sair da clínica superaquecida, resfriara-me no outono úmido; deitei-me, um pouco zonzinha dos comprimidos. Não desliguei o telefone; mamãe podia apagar-se de um minuto para o outro, “como uma vela”, diziam os médicos, e minha irmã deveria chamar-me ao menor sinal de alerta. A campainha soou, despertando-me em sobressalto: quatro horas da manhã. “É o fim.” Apanhei o fone e ouvi uma voz desconhecida: “Desculpe, foi engano.” Só consegui voltar a dormir quando o dia já despontava. Oito e meia: o telefone torna a tocar; precipitei-me: um recado sem importância. Odiei-o, odiei esse aparelho cor de carro funerário: “Sua mãe tem um câncer. Sua mãe não passará desta noite.” Um desses dias crepitará a meus ouvidos: “É o fim.”

Atravessei o jardim. Entrei no hall. Podia-se acreditar que entrara num aeroporto: mesas baixas, poltronas modernas, pessoas que se beijam dizendo bom dia ou adeus, outras que esperam, malas, sacos de viagem, flores em vasos, buquês envoltos em papel celofane, como para receber os viajantes que vão desembarcar... Mas nas fisionomias, nas conversas em voz baixa, pressente-se algo de suspeito. E, por vezes, no vão da porta do fundo surge um homem todo de branco, com respingos de sangue nos sapatos. Subo um andar. À minha esquerda há um longo corredor com quartos, a sala das enfermeiras, o escritório. À direita, um vestíbulo quadrado, mobiliado com um banco estofado e uma escrivaninha, na qual há um telefone branco. Dá de um lado para uma sala de espera, do outro para o quarto 114. *Visitas proibidas*. Transpondo-se a porta, encontra-se um pequeno e estreito corredor: à esquerda, o banheiro com a bacia, a comadre, pacotes de algodão, frascos; à direita, um armário embutido onde estão arrumadas as coisas de mamãe; de um cabide pende o roupão vermelho, sujo de poeira. “Não quero mais ver esse roupão.” Empurro a

segunda porta. Antes, atravessava esses lugares sem vê-los. Agora, sei que fazem parte da minha vida para sempre.

— Estou indo muito bem — diz-me mamãe. E acrescentou, com uma certa malícia: — Ontem, quando os médicos falavam entre eles, ouvi-os muito bem; eles diziam: é espetacular!

Essa palavra encantava-a; pronunciava-a frequentemente com unção, como se fosse uma fórmula mágica que garantia a sua cura. No entanto, ela sentia-se ainda muito débil, e seu desejo mais imperioso era evitar o mínimo esforço. Sonhava ser alimentada a vida toda a conta-gotas:

— Nunca mais comerei.

— De que jeito! Logo você, que é tão gulosa.

— Não. Nunca mais comerei.

A srta. Leblon apanhou um pente e uma escova para penteá-la e mamãe ordenou-lhe, com autoridade:

— Corte-me os cabelos.

Protestamos.

— Não me canse. Vamos, corte. — ela insistiu, com uma obstinação estranha; como se quisesse, por meio desse sacrifício, comprar um repouso definitivo. Suavemente, a srta. Leblon desfez a trança e desembaraçou os cabelos emaranhados; voltou a trançá-los, prendendo-os com alfinetes numa *torsade* prateada em torno da cabeça de mamãe, cujo rosto descontraído reencontrara uma surpreendente pureza. Pensei num desenho de Leonardo da Vinci que representava uma velha senhora muito bela:

— Você é bela como um Leonardo da Vinci — disse-lhe eu. Ela sorriu:

— Eu não era nada mal, nos meus tempos.

Num tom um pouco misterioso, confidenciou à acompanhante:

— Eu tinha belos cabelos, penteava-os em bandós em torno da cabeça.

— E começou a falar de si: como obtivera um diploma de bibliotecária, seu amor aos livros. A srta. Leblon respondia, enquanto preparava um frasco de soro; o líquido transparente continha também, explicou-me ela, glicose, sais.

— Um autêntico coquetel — disse eu.

Durante todo o dia ficamos aturdindo mamãe com projetos. Ela escutava, de olhos fechados. Minha irmã e seu marido acabavam de comprar na Alsácia uma velha granja que pretendiam agora reformar e

mobiliário. Mamãe ocuparia aí um grande quarto, independente, onde acabaria de se restabelecer.

— Mas não incomodará Lionel que eu fique muito tempo?

— Certamente que não.

— Sim, lá não os perturbarei. Em Scharrachbergen era diferente, a casa era muito pequena, eu incomodava todos vocês.

Falamos de Meyrignac. Mamãe reencontrava aí suas lembranças da juventude. E, durante anos, descrevera-me com entusiasmo as melhorias, os embelezamentos. Gostava muito de Jeanne, cujas três filhas mais velhas, bonitas, sadias, alegres, habitavam em Paris e vinham vê-la com frequência na clínica:

— Eu não tenho netas e elas não têm avó — explicou mamãe à srta. Leblon. — Então, eu sou a avó delas. — Enquanto ela dormitava, passei os olhos por um jornal; abrindo os olhos, perguntou-me:

— O que está acontecendo em Saigon? — Contei-lhe. Uma vez, num tom de censura amigável, disse: “Operaram-me à traição!”; e quando entrou o dr. P.: “Aí está o carrasco!”, mas numa voz risonha. O médico ficou por instantes junto dela; como ele lhe dissesse: “Nunca é tarde para aprender”, ela respondeu, num tom um pouco solene: “Sim. Só agora fiquei sabendo que tinha uma peritonite.” Gracejei com ela:

— Seja como for, a verdade é que você não é uma mulher comum! Vem para consertar um fêmur e sai operada de peritonite!

— Sim, é isso mesmo. Sou uma mulher extraordinária!

Durante dias, divertiu-se com esse quiproquó: “Preguei uma boa peça ao professor B. Era ele quem deveria operar-me o fêmur. E foi o dr. P. quem me operou da peritonite.”

O que nos emocionou, nesse dia, foi a atenção que ela prestava às menores sensações agradáveis; como se, aos 78 anos, despertasse de novo para o milagre de viver. Enquanto a acompanhante arrumava os travesseiros, o metal de um tubo tocou na coxa de mamãe: “Hum, é fresco! É agradável!” Aspirava o aroma da água-de-colônia, do talco: “Cheira bem.” Mandou colocar sobre a mesinha de rodas os buquês e os jarros com flores: “As pequenas rosas vermelhas vêm de Meyrignac. Ainda há rosas em Meyrignac.” Pediu-nos que erguêssemos a cortina que velava a janela e olhou, através da vidraça, a folhagem dourada das árvores: “É lindo; de minha casa não veria isso!” Sorria. E tivemos, minha irmã e eu, o mesmo pensamento: reencontrávamos o sorriso que fascinara nossa infância, um

sorriso radioso de mulher jovem. Por onde se perdera ele, ao longo de todos esses anos?

“Se ela tiver alguns dias de felicidade como este, então terá valido a pena prolongá-los”, disse-me Poupette. Mas qual seria o preço?

“É uma câmara mortuária”, pensei no dia seguinte. Uma pesada cortina azul tapava a janela. (A persiana estava quebrada, não se podia descê-la, mas a luz nunca fora incômoda para mamãe.) Ela jazia na penumbra, os olhos fechados. Tomei sua mão, e ela murmurou: “É a Simone; e não te vejo!” Poupette saíra, abri um romance policial. De tempos em tempos, mamãe suspirava: “Não estou lúcida.” Queixou-se ao dr. P.:

— Estou em coma.

— Se estivesse não o saberia. Essa resposta reconfortou-a. Um pouco mais tarde, disse-me, num tom meditativo: — Sofri uma grande operação. Sou uma doente importante.” Reforcei suas palavras e, pouco a pouco, ela voltou a serenar. Na véspera, à noite, ela sonhara, de olhos abertos, e contou-me: “Havia homens no quarto, homens de azul, ruins, que queriam levar-me e obrigar-me a beber coquetéis. Tua irmã expulsou-os...” Eu pronunciara a palavra coquetel a propósito da mistura preparada pela srta. Leblon; esta tinha uma touca azul; os homens eram os enfermeiros que tinham levado mamãe para a sala de operação. “Sim, é isso, sem dúvida...” Pediu-me que abrisse a janela: “O ar fresco é agradável.” Pássaros cantavam lá fora; ela extasiou-se: “Pássaros!” E antes que eu a interrompesse: “É curioso. Sinto uma luz amarela na minha face esquerda. É como se tivesse um papel amarelo sobre minha face. Uma linda luz filtrando-se através do papel amarelo: é muito agradável.” Perguntei ao dr. P.:

— A operação em si foi bem-sucedida?

— Terá sido um êxito se o tráfego intestinal recomeçar. Nós o saberemos daqui a dois ou três dias.

Eu simpatizara com o dr. P. Não assumia ares importantes, falava a mamãe como a uma pessoa e respondia de bom grado às minhas perguntas. Em contrapartida, o dr. N. e eu não morríamos de amores um pelo outro. Elegante, esportivo, dinâmico, ébrio de técnica, ele reanimava mamãe com ardoroso empenho: mas, para ele, mamãe representava o objeto de uma interessante experiência, e não um ser humano. Dava-nos medo. Mamãe tinha uma velha parenta a quem mantinham há seis meses em coma. “Espero que não permitam que me prolonguem desse jeito, é

horrível!”, dissera-nos ela. Se na cabeça do dr. N. se metesse a ideia de bater um recorde, ele seria um adversário perigoso.

— Ele acordou mamãe para lhe aplicar um clister, sem resultado — disse-me Poupette, aflita, no domingo de manhã.

— Por que ele a atormenta?

Parei N. de passagem; por sua iniciativa nunca me dirigia a palavra. Implorei-lhe de novo:

— Por favor, não a atormente.

E replicou-me numa voz ultrajada:

— Eu não a atormento, minha senhora. Faço o que devo.

A cortina azul estava erguida, o quarto menos sombrio. Mamãe providenciara a compra de óculos de sol. Escondeu-os quando eu entrei:

— Ah! Hoje posso ver você!

Ela sentia-se bem. Perguntou-me com voz tranquila:

— Diga-me uma coisa: eu tenho um lado direito?

— O que você quer dizer com isso? Claro que sim!

— É engraçado; ontem diziam-me que eu estava com bom aspecto. Mas eu só tinha bom aspecto do lado esquerdo. Sentia o outro lado todo cinzento. Parecia-me que já não tinha lado direito, assim como se estivesse desdobrada. Agora isso está se recompondo um pouco.

Toquei sua face direita: — Sente a minha mão?

— Sim, mas como num sonho.

Toquei sua face esquerda:

— Ah, sim, esta é real — disse ela.

O fêmur fraturado, a ferida, os curativos, as sondas, as transfusões, tudo se passava do lado esquerdo. Seria por isso que o outro lado parecia não existir?

— Você está com um aspecto magnífico. Os médicos estão encantados com você — afirmei.

— Não, o dr. N. não está contente: ele quer que eu solte muitos puns. — Sorriu um pouco para si mesma:

— Quando sair daqui, vou enviar-lhe uma caixa de bombons.

O colchão de ar amassava-lhe a pele; pequenas almofadas estavam colocadas entre seus joelhos para que os lençóis, um pouco levantados por uma armação, não lhe tocassem no corpo, e um outro dispositivo impedia que os calcanhares batessem na moldura dos pés da cama; apesar de todas essas precauções, seu corpo começava a cobrir-se de escaras. Os quadris

paralisados pela artrose, o braço direito semi-impotente, o esquerdo pregado ao conta-gotas, ela não podia esboçar o menor movimento. “Levante-me um pouco”, pediu-me ela. Sozinha, não me atrevia a fazê-lo. Sua nudez já não me embaraçava: já não era minha mãe, mas um pobre corpo supliciado. Contudo, sentia-me intimidada pelo horrível mistério que, sem poder sequer imaginá-lo, eu pressentia oculto sob as gazes, e tinha medo de lhe fazer dano. Nessa manhã, foi preciso administrar-lhe mais uma lavagem, e a srta. Leblon necessitou de minha ajuda. Suspendi sob as axilas esse esqueleto revestido de uma pele úmida e azul. Quando deitavam mamãe de lado, seu rosto contraía-se, ela revirava os olhos, gemia: “Vou cair.” Recordava sua queda. De pé à sua cabeceira, eu amparava-a e dirigia-lhe palavras tranquilizadoras.

Repusemo-la de costas, o tronco bem apoiado nas almofadas que lhe enfiámos por baixo. Momentos depois, ela exclamou:

— Dei um pum! — E pediu: — Depressa! O urinol!

A srta. Leblon e uma enfermeira ruiva tentaram instalá-la num urinol; ela gritou; vendo sua carne pisada e o brilho duro do metal, eu tinha a impressão de que a deitavam sobre lâminas de facas. As duas mulheres insistiam, puxavam-na, a ruiva falou-lhe asperamente e mamãe gritava, o corpo hirto, convulsionado pela dor.

— Ah! deixem-na! — disse eu. Saí com as enfermeiras. — Tanto pior! Deixem-na fazer nos lençóis.

— Mas — protestou a srta. Leblon — isso é para ela uma grande humilhação! Os doentes não a suportam.

— E ficará molhada, isso é muito ruim para as escaras — disse a ruiva.

— Vocês trocam-na em seguida.

Voltei para junto de mamãe:

— Essa ruiva é uma mulher ruim — gemeu ela, em sua vozinha pueril. E acrescentou, desolada: — E, no entanto, eu não me julgava piegas.

— E não é. Você pode se aliviar sem urinol: elas mudarão os lençóis, não é complicado.

— Sim — murmurou ela; o cenho franzido, um ar de determinação no rosto, lançou como um desafio: — Os mortos fazem sempre nos lençóis.

Minha respiração se cortou. “Uma grande humilhação.” E mamãe, que vivera erichada de orgulhosas suscetibilidades, não sentia vergonha nenhuma. Era também uma forma de coragem, nessa espiritualista afetada, assumir agora com tanta decisão a nossa animalidade.

Foi mudada, lavada, friccionada. Está na hora de lhe aplicarem uma injeção bastante dolorosa, destinada, creio eu, a combater a ureia que mamãe elimina mal. Ela parecia tão exausta que a srta. Leblon hesitou.

— Vamos, a picada — ordenou mamãe. — Pois se isso é bom para mim, o que espera?

Tínhamos voltado a deitá-la de lado; eu amparava-a e olhava seu rosto, onde se misturavam a confusão, a coragem, a esperança e a angústia. “Pois se é bom para mim.” Para curar. Para morrer. Eu gostaria de pedir perdão a alguém.

Soube no dia seguinte que a tarde da véspera se passara sem novidades. Um jovem enfermeiro substituiu a srta. Leblon, e Poupette disse a mamãe:

— Você tem sorte de ter um acompanhante tão jovem e tão gentil.

— Sim — disse mamãe —, é um bonito homem.

— E você entende de homens, hem?

— Oh, não muito — disse mamãe com nostalgia na voz.

— Como? Está arrependida?

— Eh! Eh! Eu digo sempre às minhas sobrinhas-netas: pequenas, aproveitem a vida.

— Agora entendo por que elas lhe querem tanto. Mas você nunca diria isso às suas filhas!

Então mamãe, subitamente severa:

— Às minhas filhas? Ah, não! Claro que não!

O dr. P. trouxera-lhe um octogenário a quem ele deveria operar no dia seguinte e estava apavorado; mamãe catequizou-o, dando-lhe como exemplo o seu próprio caso.

— Eles utilizam-me para fins publicitários — disse-me ela na segunda-feira, num tom divertido. Perguntou-me: — O meu lado direito voltou? Tenho realmente um lado direito?

— Claro que sim. Olhe — disse minha irmã. Mamãe fixou no espelho erguido à sua frente um olhar incrédulo, severo, altivo:

— Sou eu, isso?

— Sim, é você. E, como está vendo, tem o seu corpo todo.

— Estou cinzenta.

— É da iluminação. Você está rosada.

O fato é que ela estava de bom aspecto. De qualquer modo, quando sorriu para a srta. Leblon, disse-lhe:

— Ah! Desta vez sorri para você com a minha boca toda. Antes, eu só tinha meio sorriso.

Não voltou a sorrir durante a tarde. Repetiu por várias vezes, com surpresa e censura: “Quando me vi no espelho, achei-me tão feia!” Na noite precedente, algo enguiçara no conta-gotas; fora preciso retirar o tubo, depois repô-lo na veia; a acompanhante noturna fizera o trabalho às apalpadelas, e o líquido vazara sob a pele; o acidente fora muito doloroso para mamãe. Seu braço enorme e roxo foi enfaixado em ataduras. Agora, o aparelho estava ligado ao braço direito; suas veias fatigadas mal admitiam o soro; mas o plasma arrancava-lhe queixumes. Ao fim da tarde, foi tomada de angústia: ela temia a noite, um novo acidente, a dor. Rosto contraído, suplicava: “Por favor, vigiem bem o conta-gotas!” E ainda nessa tarde, olhando seu braço, por onde se escoava uma vida que nada mais era senão mal-estar e tormento, eu perguntava comigo mesma: por quê?

Na clínica, eu não tinha tempo para interrogar-me. Era preciso ajudar mamãe a cuspir, dar-lhe de beber, arrumar as almofadas ou sua trança, deslocar sua perna, regar as flores, abrir a janela, ler-lhe o jornal, responder às suas perguntas, dar corda no relógio que ela trazia sobre o peito, suspenso de um cordão negro. Agradava-lhe essa dependência e reclamava incessantemente a nossa atenção. Mas, quando voltei para casa, toda a tristeza e todo o horror desses últimos dias caíram sobre meus ombros. E também a mim um câncer me devorava: o remorso. “Não deixem que a operem.” E eu nada impedira. Muitas vezes, quando um doente sofria um longo martírio, eu indignara-me com a inércia de seus familiares mais próximos: “Eu o mataria.” E, no meu primeiro teste, fraquejara: tinha renegado a minha própria moral, vencida pela moral social. “Não”, dissera-me Sartre, “você foi vencida pela técnica: e era fatal que isso aconteceria.” De fato. Somos coibidos numa engrenagem, impotentes diante do diagnóstico dos especialistas, de suas previsões, de suas decisões. O doente passa a ser propriedade deles: quem se atreverá a arrancá-lo de suas mãos? Na quarta-feira havia apenas uma alternativa: operação ou eutanásia. O coração firme, vigorosamente reanimado, mamãe teria resistido por muito tempo à oclusão intestinal e vivido o inferno, pois os médicos teriam recusado a eutanásia. Teria sido necessário que eu me encontrasse lá às seis horas da manhã. Mas, ainda assim, teria eu ousado dizer a N.: “Deixem que ela se extinga?” Era o que eu sugeria

quando pedi: “Não a atormentem”, e ele me censurou com a arrogância de um homem seguro de seus deveres. Ter-me-iam dito: “Você talvez a prive de vários anos de vida.” E eu seria obrigada a ceder. Tais argumentos não me apaziguavam. O futuro me apavorava. Quando eu tinha 15 anos, meu tio Maurice morrera de câncer no estômago. Contaram-me que, durante dias, ele gritara: “Acabem comigo. Deem-me o meu revólver. Tenham piedade de mim.” Cumpriria o dr. P. a sua promessa: “Ela não sofrerá?” Entre a morte e a tortura iniciara-se uma corrida. Eu perguntava a mim mesma como se conseguirá sobreviver quando alguém que nos é querido nos suplicou em vão: “Piedade!”

E, ainda que a morte vencesse, a odiosa mistificação! Mamãe julgava-nos perto dela; mas nós já nos situávamos do outro lado de sua história. Perverso gênio onisciente, eu conhecia o lado escondido das cartas, enquanto ela se debatia, muito longe, na solidão humana. Sua obstinação encarniçada em curar-se, sua paciência, sua coragem, tudo era falso. Ela não seria recompensada por nenhum de seus sofrimentos. Revia seu rosto: “Pois se isso é bom para mim.” Eu sofria com desespero uma culpa que era minha, sem que fosse por ela responsável, e que não poderia jamais resgatar.

Mamãe passara uma noite calma; a acompanhante, vendo sua inquietação, não lhe soltara a mão. Tinham encontrado uma forma de colocá-la no urinol sem que a ferissem. Ela recomeçava a comer, e logo se suprimiriam as transfusões. “Esta tarde!”, suplicava ela. “Esta tarde ou amanhã”, dizia N. Nessas condições, a acompanhante continuaria sua vigília noturna, mas minha irmã dormiria em casa de amigos. Pedi a opinião do dr. P. Sartre tomava no dia seguinte o avião para Praga; poderia eu acompanhá-lo?

— Não importa o que possa acontecer, não importa quando. Mas esta situação também pode durar meses. Não partiria nunca. Praga está apenas a hora e meia de Paris e é fácil telefonar.

Falei com mamãe desse projeto:

— Por certo! Vá, já não preciso de você — disse-me ela. Minha partida acabava de convencê-la de que estava fora de perigo: “Trouxeram-me de bem longe! Uma peritonite aos 78 anos! Felizmente eu estava aqui! Felizmente que não me operaram o fêmur.” O seu braço esquerdo, livre das ataduras, estava um pouco desinchado. Com um ar aplicado, ela levava a mão ao rosto; verificava seu nariz, sua boca: “Tinha a impressão de que

os meus olhos estavam no centro de minhas faces e o nariz atravessado, bem no fim do rosto, sobre o queixo. É curioso...”

Mamãe não tinha o hábito de se observar. Agora, seu corpo impunha-se a ela. Lastreada com esse peso, ela já não planava mais no nevoeiro nem dizia nenhuma coisa que me chocasse. Quando evocava Boucicaut, era para lamentar os doentes condenados à enfermaria comum. Tomava o partido das enfermeiras contra a direção que as explorava. Apesar da gravidade de seu estado, permanecia fiel à descrição de que sempre dera provas ao longo da vida. Receava dar trabalho demais à srta. Leblon. Agradecia-lhe, pedia-lhe desculpas: “Todo esse sangue que gastam com uma velhota, quando jovens podem estar precisando dele!” Recriminava-se por tomar-me o tempo: “Você tem tantas coisas a fazer e perde horas aqui: isso me irrita!” Havia uma pontinha de orgulho, mas também remorso em sua voz quando dizia: “Minhas queridas! Quantas emoções lhes estou dando! Tenho a certeza de que sentiram medo.” Também nos comovia com sua solicitude. Na quinta de manhã, ainda mal saíra do coma, quando a servente trouxe a minha irmã o café da manhã, ela disse, num sopro:

— Conf... conf...

— Confessor?

— Não. *Confiture* — respondeu, lembrando-se de que minha irmã tinha o costume de comer compota de frutas pela manhã. Preocupava-se com a venda do meu último livro. Como a srta. Leblon tinha sido despejada por sua senhoria, mamãe aceitou, por sugestão de minha irmã, que ela se instalasse em seu estúdio; em geral, ela não admitia que alguém entrasse em sua casa na ausência dela. Sua doença enfraquecera a carapaça de seus preconceitos e pretensões; talvez porque já não tivesse necessidade dessas defesas. Já não era uma questão de renúncia, de sacrifício: agora, o primeiro dos seus deveres era restabelecer-se, portanto, preocupar-se consigo, abandonando-se sem escrúpulo a seus desejos, a seus prazeres, finalmente liberta de ressentimentos. Sua beleza, seu sorriso ressuscitados exprimiam um aprazível acordo consigo mesma e, nesse leito de agonia, uma espécie de felicidade.

Notamos, com alguma surpresa, que ela não reclamara a visita do confessor, desmarcada na terça-feira. Muito antes de sua operação, ela dissera a Marthe: “Reze por mim, minha pequena, pois você sabe, quando se está doente não se pode mais rezar.” Sem dúvida, estava ocupada

demais em curar-se para impor-se às fadigas das práticas religiosas. O dr. N. disse-lhe um dia:

— Para que a senhora se restabeleça tão depressa, deve estar em excelentes relações com Deus!

— Ah, sim! Dou-me muito bem com ele. Mas não tenho a mínima vontade de vê-lo já.

A vida eterna significava a morte na terra, e ela recusava-se a morrer. Naturalmente, os devotos de suas relações supunham que nós contrariávamos as vontades dela e tentaram algumas investidas. Apesar do aviso na porta, *Visitas proibidas*, minha irmã viu uma manhã a porta abrir-se e emoldurar a batina de um padre; ela empurrou-o vivamente para trás:

— Sou o padre Avril. Venho como amigo.

— Não importa. A roupa que o senhor veste assustaria minha mãe.

Na segunda-feira, nova intrusão:

— Mamãe não recebe ninguém — disse minha irmã, arrastando a sra. de Saint-Ange para o vestíbulo.

— Está bem. Mas é preciso que eu discuta com a senhora um problema muito sério: conheço as convicções de sua mãe...

— Eu também as conheço — respondeu minha irmã secamente. — Mamãe está em seu perfeito juízo. No dia em que ela desejar um padre, terá um.

Quando voei para Praga, na quarta de manhã, ela ainda não o desejara.

Telefonei ao meio-dia. “Então ainda não partiste!”, disse Poupette, tal a nitidez com que me ouvia. Mamãe estava passando bem; na quinta também; na sexta falou comigo, lisonjeada de que eu a chamasse de tão longe. Lia um pouco e fazia palavras cruzadas. No sábado não pude telefonar. Domingo à noite, às onze e meia, pedi o número dos Diato. Enquanto eu aguardava a ligação no quarto, trouxeram um telegrama: “Mamãe muito fatigada. Você pode voltar?” Francine disse-me que Poupette dormia na clínica. Chamei-a instantes depois. Minha irmã atendeu, a voz embargada: “Um dia terrível. Fiquei o tempo todo segurando a mão de mamãe, que suplicava: ‘Não me deixe partir.’ E dizia: ‘Não voltarei a ver Simone.’ Agora deram-lhe Equanil, está dormindo.”

Pedi na recepção do hotel que me reservassem um lugar no avião que decolava no dia seguinte, às dez e meia da manhã. Havia compromissos, Sartre aconselhou-me a esperar um dia ou dois: impossível. Eu não tinha especial empenho em rever mamãe antes de sua morte; mas não suportava a ideia de que ela não me voltasse a ver. Por que dar tanta importância a um instante, já que não haverá lembrança dele? Tampouco haverá reparação. Compreendi por minha própria conta, até a medula de meus ossos, que nos derradeiros momentos de um moribundo pode encerrar-se o absoluto.

À uma hora e meia de segunda-feira entrei no quarto 114. Prevenida de meu regresso, mamãe acreditava que isso tinha acontecido de acordo com os meus planos. Retirou os óculos escuros e sorriu-me. Sob o efeito dos calmantes, estava eufórica. Tinha mudado de rosto; a cor da pele era amarela e havia uma prega inchada que descia sob o olho direito ao longo do nariz. Contudo, havia novamente flores em todas as mesas. A srta. Leblon tinha ido embora; mamãe já não precisava de acompanhante particular, pois o conta-gotas fora suspenso. Na noite de minha partida, a srta. Leblon iniciara uma transfusão que duraria duas horas: as veias extenuadas admitiam ainda menos o sangue que o plasma. Durante cinco minutos, ouviram-se os gritos de mamãe.

— Pare! — disse Poupette.

A enfermeira vacilava:

— Que dirá o dr. N.?

— Eu assumo a responsabilidade.

De fato, N. ficou furioso:

— A cicatrização será mais lenta.

No entanto, ele sabia muito bem que a ferida não fecharia; formava uma fístula pela qual o intestino se esvaziava: era o que evitava uma nova oclusão, pois o “trânsito” estava interrompido. Por quanto tempo mamãe resistiria? Segundo as análises, o tumor era um sarcoma de extrema virulência, que começara a propagar-se por todo o organismo; entretanto, a evolução metastática podia ser muito prolongada, considerando-se a sua idade.

Mamãe contou-me seus dois dias anteriores. No sábado tinha começado um romance de Simenon e derrotara Poupette nas palavras cruzadas; sobre a sua mesa acumulavam-se os crucigramas que ela recortava dos jornais. No domingo almoçara purê de batatas que não aguentara bem (na realidade, era o começo das metástases que a tinha devastado) e tivera um longo pesadelo acordada: — Eu estava num lençol azul, sobre um buraco; sua irmã segurava o lençol e eu lhe suplicava: não me deixe cair no buraco...

— Eu a seguro, você não cairá — dizia Poupette.

Minha irmã passara a noite sentada numa poltrona, e mamãe, que de costume se preocupava em que ela dormisse, desta vez dissera-lhe: “Não durma; não me deixe partir. Se eu adormecer, desperte-me; não me deixe partir enquanto durmo.” Num dado momento, contou Poupette, mamãe fechou os olhos, extenuada. Suas mãos arrepanharam os lençóis, os dedos enclavinados, e ela articulou: “Viver! Viver!”

Para lhe poupar essas angústias e pesadelos, os médicos tinham receitado comprimidos e injeções de Equanil; mamãe exigia-os avidamente. Durante todo o dia estive de excelente humor. Ainda comentou a estranheza de suas impressões: “Havia um disco diante de mim que me fatigava. Sua irmã não o via. Eu lhe disse: esconda esse disco. Ela não via o disco.” Tratava-se de uma pequena placa metálica fixada no alizar da janela e que ficava oculta quando se descia um pouco a persiana, finalmente consertada. Ela recebeu Chantal e Catherine, e declarou-nos com satisfação: “O dr. P. disse-me que eu tinha sido muito inteligente; que fiz as coisas de maneira muito inteligente; enquanto me restabelecia de minha operação, o meu fêmur voltara a soldar-se.” À noite,

propus substituir minha irmã, que quase não pregara olho na noite anterior, mas mamãe estava acostumada a ela; considerava-a muito mais competente do que eu, já que Poupette cuidara também de Lionel.

O dia de terça-feira passou sem novidade. À noite, mamãe teve pesadelos.

— Metem-me numa caixa — disse ela a minha irmã. — Estou aqui, mas dentro de uma caixa. Sou eu e já não sou eu. Os homens levam a caixa! — Debatia-se: — Não deixe que eles me levem!

Por largo tempo, Poupette conservou sua mão sobre a testa de mamãe:

— Prometo. Eles não a meterão na caixa.

Pedi um suplemento de Equanil. Livre, enfim, de suas visões, mamãe interrogou-a:

— Mas o que é que isso quer dizer, essa caixa, esses homens?

— São lembranças da sua operação: os enfermeiros a levaram numa padiola.

Mamãe adormeceu. Mas, pela manhã, tinha nos olhos toda a tristeza dos animais indefesos. Quando as enfermeiras arrumaram sua cama e depois a fizeram urinar com a ajuda de uma sonda, isso doeu-lhe, e ela soltou um gemido; perguntou-me, numa voz desfalecida: “Crê que sairei viva disto?” Repreendi-a. Ela interrogou timidamente o dr. N.: “Está contente comigo?” Ele respondeu sim sem convicção alguma, mas mamãe agarrou-se avidamente a essa boia de salvação. Inventava sempre excelentes razões para justificar seu excesso de fadiga. Tivera desidratação; um purê de batatas pesado demais para o seu estômago; nesse dia, repreendeu as enfermeiras por lhe terem feito na véspera três curativos em vez de quatro: “O dr. N. ficou furioso quando veio à noite”, confidenciou-me ela. “Passou-lhes uma boa espinafração!” Repetiu várias vezes, satisfeita: “Ele ficou furioso!” Seu rosto perdera toda a beleza; era agitado por súbitas crispações: percebia-se de novo em sua voz a animosidade e a reivindicação.

— Estou tão cansada — disse ela, com um suspiro. Aceitara receber depois do almoço o irmão de Marthe, um jovem jesuíta.

— Quer que cancele a visita?

— Não. Isso dará alegria a sua irmã. Eles falarão de teologia. Eu fecharei os olhos, não terei necessidade de falar.

Não almoçou. Adormeceu, a cabeça inclinada para o peito: quando Poupette empurrou a porta, acreditou que tudo acabara. Charles

Cordonnier ficou apenas cinco minutos. Falou dos almoços para os quais seu pai convidava mamãe todas as semanas:

— Espero revê-la no bulevar Raspail uma destas quintas-feiras. — Mamãe olhou-o, incrédula e desolada:

— Acha que voltarei? — Jamais eu vira estampada em seu rosto uma tal expressão de infelicidade: nesse dia, ela adivinhou que estava perdida. Acreditávamos estar tão próximo o desenlace que não saí quando Poupette chegou. Mamãe murmurou:

— Então eu devo ter piorado, pois vocês duas ficaram aí.

— Nós estamos sempre aqui.

— Não as duas juntas.

Simulei de novo zangar-me:

— Eu fico porque estás com um péssimo moral. Mas se isso serve apenas para inquietá-la, então saio.

— Não, não, fique — disse ela, num tom envergonhado. Minha severidade injusta confrangia-me.

No momento em que a verdade a esmagava e em que teria necessidade de se desembaraçar dela por palavras, nós a condenávamos ao silêncio; obrigávamo-la a abafar suas ansiedades, a reprimir suas dúvidas; ela sentia-se ao mesmo tempo — como acontecera tantas vezes em sua vida — culpada e incompreendida. Mas não tínhamos escolha: a esperança era a primeira de suas necessidades. Chantal e Catherine ficaram tão assustadas com seu rosto que telefonaram para Limoges, aconselhando à mãe que voltasse.

Poupette não se aguentava mais de pé. Eu decidi:

— Esta noite sou eu quem vai dormir aqui.

Mamãe pareceu inquieta:

— Você saberá? Saberá colocar a mão na minha testa quando tenho pesadelos?

— Claro que sim. Ficou ruminando algo; depois, olhou-me com intensidade:

— Você... você me dá medo.

Eu sempre intimidara um pouco mamãe, por causa da admiração intelectual que ela nutria por mim e que deliberadamente recusara à sua filha caçula. Reciprocamente, desde muito cedo a sua pudicícia me gelara. Eu fora uma criança aberta; e, além disso, tinha visto como viviam as pessoas adultas, cada uma encerrada entre suas exíguas quatro paredes

privadas; por vezes, ela conseguia furar um pequeno orifício na parede, rapidamente tapado de novo: “Fulana fez-me confidências”, cochichava mamãe, com ar importante. Ou então descobria-se uma brecha do lado de fora: “Ela é cheia de mistérios, não me contou nada; mas parece que...” Confissões e mexericos tinham algo de furtivo que me repugnava, e quis que minhas próprias muralhas não tivessem brechas. Mamãe, sobretudo, empenhava-me em nada confidenciar, por temor de sua confusão e por horror ao seu olhar. E em breve não se atreveria mais a interrogar-me. A nossa breve explicação a respeito da minha descrença exigiu de nós duas um considerável esforço. Senti pena ao vê-la em lágrimas. Mas logo me apercebi de que ela chorava seu fracasso, sem se preocupar com o que acontecia em meu íntimo. A rebeldia consolidou-se em mim quando me dei conta de que ela preferia o terror à amizade. Um entendimento teria sido ainda possível se, em vez de pedir a toda a gente orações por minha alma, me tivesse dado um pouco de confiança e simpatia. Sei agora o que a impedia de fazer isso: ela tinha desforras demais a tomar, frustrações demais a reprimir, feridas demais a sarar, para ser capaz de se colocar no lugar de outrem. Em seus atos, ela sacrificava-se, mas suas emoções não saíam de seu próprio íntimo. Aliás, como poderia ela tentar compreender-me, se evitava ler em seu próprio coração? Quanto a inventar uma atitude que não nos tivesse desunido, nada a preparara para isso: o imprevisto atordoava-a, porque a haviam ensinado a jamais sentir, pensar, agir, a não ser através de quadros de referência previamente determinados e inalteráveis.

O silêncio entre nós tornou-se inteiramente opaco. Até a publicação de *A convidada*, mamãe ignorou quase tudo de minha vida. Tentou convencer-se de que pelo menos no capítulo dos costumes eu era “séria”. Os rumores públicos a meu respeito demoliram suas ilusões, mas, nesse momento, as nossas relações já tinham mudado. Ela dependia materialmente de mim; não tomava qualquer decisão prática sem me consultar; eu era o arrimo da família, de certo modo o seu filho. Por outro lado, era uma escritora conhecida. Essas circunstâncias desculpavam em parte a irregularidade de minha vida, que, aliás, ela reduzia ao mínimo: uma união livre, menos ímpia, em suma, do que um casamento civil. Frequentemente chocada pelo conteúdo dos meus livros, envaidecia-a o seu sucesso. Mas pela autoridade que o êxito me conferia a seus olhos, ele agravava seu embaraço, seu mal-estar. Por mais que eu evitasse toda e qualquer discussão — ou talvez

precisamente porque as evitava —, mamãe pensava que eu estava julgando-a. Poupette, “a caçula”, menos respeitada do que eu — e que, tendo sido menos marcada por mamãe, não herdara sua rigidez —, mantinha com ela relações mais livres. Encarregou-se de lhe dar todos os apaziguamentos possíveis quando foram publicadas as *Memórias de uma moça bem-comportada*. Limitei-me a levar-lhe um buquê de flores, eximindo-me de palavras: ela ficou, aliás, comovida e estupefata. Um dia me disse: “Os pais não compreendem os filhos, mas a recíproca é verdadeira...”; discorremos sobre esses mal-entendidos, mas em sua generalidade. E não voltamos a tocar no assunto. Eu magoava-a. Ouvia um pequeno gemido, o roçar de suas pantufas no assoalho, outro suspiro, e prometia a mim mesma que dessa vez encontraria temas de conversa, um terreno de entendimento. Ao cabo de cinco minutos, a partida estava perdida: tínhamos tão poucos interesses em comum! Folheei seus livros: não líamos os mesmos. Fazia-a falar, escutava, comentava. Mas, porque era minha mãe, suas frases desagradáveis me desagradavam mais do que se tivessem saído de uma outra boca. E ficava tão crispada quanto aos vinte anos, quando ela tentava — com sua habitual inépcia — estabelecer intimidade: “Sei que não me acha inteligente. Mas, em todo o caso, foi de mim que você recebeu essa sua vitalidade, e isso me dá prazer.” Sobre este último ponto, eu teria de bom grado admitido sem reservas sua opinião; mas o início da frase cortava o meu impulso para concordar com o resto. Assim, paralisávamo-nos mutuamente. Foi tudo isso o que ela quis dizer, envolvendo-me em seu olhar: “Você... você me dá medo.”

Enfiei a camisola de minha irmã, estendi-me na pequena cama dobrável ao lado da cama de mamãe: eu também tinha as minhas apreensões. O quarto ficava lúgubre ao cair da noite, quando era apenas iluminado por um abajur sobre a mesa de cabeceira, tendo mamãe pedido para descer a persiana. Eu supunha que a obscuridade tornava ainda mais denso o mistério fúnebre. De fato, nessa noite e nas três que se seguiram, dormi melhor do que em casa, preservada da angústia do telefone e das desordens de minha imaginação: eu estava ali, não pensava em nada.

Mamãe não teve pesadelos. Na primeira noite, ela acordou com frequência, pedindo-me que lhe desse de beber. Na segunda, o cóccix fê-la sofrer muito; a srta. Cournot deitou-a sobre o lado direito, mas então era o braço que a torturava. Instalaram-na sobre um disco de borracha, o que aliviava o local dolorido, mas corria o risco de machucar a pele das

nádegas, tão azul e tão frágil. Sexta e sábado dormiu bastante bem. Desde quinta-feira, graças ao Equanil, recuperara a confiança. Já não perguntava: “Acha que sairei desta?”, mas: “Acredita que poderei retomar uma vida normal?” “Ah, hoje eu a vejo!” exclamou, numa voz feliz. “Ontem não conseguia!” No dia seguinte, Jeanne, que chegara de Limoges, encontrou-a com um rosto menos devastado do que receava. Elas conversaram durante uma hora. Quando Jeanne voltou no sábado com Chantal, mamãe disse-lhes, em tom galhofeiro:

— Muito bem, meu enterro ainda não será amanhã! Viverei até os cem anos: vão ter que me matar se quiserem livrar-se de mim!

O dr. P. estava perplexo.

— Com ela é impossível fazer qualquer previsão: possui tamanha vitalidade!

Transmiti a mamãe esta última frase:

— Sim, eu tenho muita vitalidade! — corroborou, satisfeita. Estava um pouco surpreendida: os intestinos já não funcionavam e os médicos não pareciam estar preocupados com isso.

— O importante é que tenham funcionado: isso prova que não estão paralisados. Os médicos estão muito contentes.

— Bom, se eles estão contentes, isso é o principal.

No sábado à noite, antes de adormecer, conversamos.

— É curioso — disse-me ela num tom divagador — Quando penso na srta. Leblon, vejo-a no meu apartamento: é uma espécie de manequim, cheio e sem braços, como os que há nas lavanderias. O dr. P. é uma tira de papel preto sobre o meu ventre. Então, quando o vejo em carne e osso, isso me parece um tanto estranho.

Eu disse-lhe:

— Vê, mamãe, você já se acostumou comigo: já não lhe dou medo.

— Claro que não.

— Mas você disse que eu lhe causava medo.

— Eu disse isso? Uma pessoa diz cada bobagem.

Eu também me acostumara a essa existência. Chegava às oito horas da noite; Poupette dava-me as notícias do dia; o dr. N. fazia uma rápida visita. Chegava a srta. Cournot, e eu ficava lendo no vestíbulo enquanto ela mudava o curativo. Quatro vezes por dia traziam para o quarto uma mesa rolante carregada de ataduras, gases, chumaços de algodão, esparadrapo, latas, pequenas bacias, tesouras; eu desviava cuidadosamente o olhar

quando a mesa voltava a sair do quarto. A srta. Cournot, ajudada por uma das enfermeiras suas amigas, fazia a toalete de mamãe e acomodava-a para a noite. Eu me deitava. Ela aplicava em mamãe algumas injeções, depois ia beber uma xícara de café enquanto eu lia, à luz do candeeiro da mesinha de cabeceira. Ela voltava, sentava-se perto da porta, que deixava entreaberta para o corredor da entrada, a fim de receber um pouco de luz do vestibulo, e lia ou tricotava. Escutava-se o leve ruído do aparelho elétrico que fazia vibrar o colchão de ar. Eu adormecia. Às sete horas, despertar. Durante o curativo, eu voltava o rosto para a parede, felicitando-me por ter um resfriado que me entupira o nariz; Poupette sofria todos aqueles cheiros; eu não sentia quase nada, salvo o perfume daquela água-de-colônia que se passava frequentemente na testa e nas faces de mamãe, e que me parecia adocicada e enjoativa; jamais poderia voltar a servir-me daquela marca.

A srta. Cournot despidia-se, eu me vestia e tomava o café da manhã. Preparava para mamãe um remédio esbranquiçado, muito desagradável, dizia ela, mas que a ajudava a digerir. Depois, colher por colher, dava-lhe uma xícara de chá onde esfarelara um biscoito. A servente vinha arrumar o quarto. Eu regava e arrumava as flores. Com frequência, retinha a campainha do telefone; precipitava-me para o vestibulo; fechava as portas atrás de mim, mas não estava certa de que mamãe não me escutava, e falava com prudência. Riu quando lhe contei:

— A sra. Raymond perguntou-me como vai o seu fêmur. Elas não devem estar entendendo nada!

Com frequência, eu também era chamada por uma enfermeira: amigas de mamãe, parentes, vinham saber notícias dela. Em geral, não tinha forças para recebê-los, mas ficava muito contente por se preocuparem. Eu saía durante o curativo. Depois fazia-a almoçar: incapaz de mastigar, comia purês, mingaus, picadinhos muito finos, geleias, cremes; achava ser uma obrigação esvaziar seu prato: “Tenho que me alimentar.” Entre as refeições, bebia a pequenos goles uma mistura de sucos de frutas frescas: “São as vitaminas de que preciso. É bom para mim.” Poupette chegava por volta das duas da tarde: “Adoro esta rotina”, dizia mamãe. Certo dia, disse-nos, penalizada: “Que estupidez! Uma vez na vida que tenho as duas à minha disposição, estou doente!”

Eu estava mais calma do que antes de ir a Praga. Ocorrera definitivamente a transição de minha mãe para um cadáver vivo. O mundo

reduzira-se às dimensões de seu quarto. Quando eu atravessava Paris de táxi, não via mais que um cenário onde circulavam figurantes. Minha verdadeira vida desenrolava-se junto dela e tinha uma única finalidade: protegê-la. À noite, o menor ruído parecia-me enorme: o atrito do jornal folheado pela srta. Cournot, o ronronar de um motor elétrico. De dia, eu caminhava sem sapatos. As idas e vindas na escada e sobre as nossas cabeças massacravam-me os tímpanos. Considerava escandaloso, entre as onze horas e o meio-dia, o barulho das mesas rolantes que passavam no patamar, carregadas de pratos metálicos, de latas, de tigelas, que se entrechocavam. Fiquei furiosa quando uma servente estouvada veio pedir a mamãe sonolenta que escolhesse seu menu do dia seguinte: coelho salteado ou frango assado? E também quando traziam ao meio-dia, no lugar dos miolos prometidos, um picadinho pouco apetitoso. Eu compartilhava as simpatias de mamãe: pelas senhoritas Cournot e Laurent, pelas pequenas Martin e Parent; a sra. Gontrand também me parecia tagarela demais: “Ela contou-me que passou a tarde de folga comprando sapatos para sua filha: você acha que isso pode ter algum interesse para mim?”

Já não gostávamos dessa clínica. Sorridentes, diligentes, as enfermeiras andavam sobrecarregadas de trabalho, mal pagas, duramente tratadas. A srta. Cournot trazia seu café: forneciam-lhe apenas água quente. As acompanhantes não dispunham nem de chuveiro, nem mesmo de um quarto de toalete para se refrescarem e se maquilarem após uma noite de plantão sem pregar o olho. A srta. Cournot contou-nos, consternada e perplexa, seus atritos com a inspetora. Esta censurou-a, uma manhã, por se apresentar de sapatos marrons:

— Não têm saltos.

— Não importa, têm que ser brancos.

A srta. Cournot fez uma expressão desolada.

— E não banque a cansada antes de ter começado o seu dia! — gritou-lhe a inspetora. Até o dia seguinte, mamãe repetiu essa frase com indignação: ela sempre se dera ao gosto de tomar violentamente partido por uns contra outros. Uma tarde, a amiga da srta. Cournot entrou no quarto chorando: a sua paciente decidira não mais lhe dirigir a palavra. As tragédias que essas jovens testemunhavam profissionalmente não as endureciam em nada contra os pequeninos dramas de suas vidas pessoais.

“Parece que todo mundo fica meio débil mental”, comentava Poupette. Eu suportava com indiferença essas conversas tolas, o ritual dos gracejos forçados: “Que boa peça você pregou no professor B.!” “Com esses óculos escuros você parece a Greta Garbo!” Mas a linguagem apodrecia em minha boca. Tinha a impressão de estar representando uma comédia por toda a parte. Falando a uma velha amiga de sua próxima mudança, a animação de minha voz parecia-me falsificada; tinha a impressão de pregar uma piedosa mentira quando afirmei, sinceramente, ao gerente de um restaurante: “Estava tudo muito bom.” Em outros momentos, era o mundo que me parecia mascarar-se. Um hotel, via-o como uma clínica; tomava as criadas de quarto por enfermeiras; e também as garçonetes de restaurantes: elas faziam-me seguir um tratamento que consistia em comer. Observava as pessoas com olhos novos, obcecada pelas tubagens complicadas que se escondiam sob suas roupas. Eu mesma, por vezes, convertia-me numa bomba de sucção e de pressão ou num sistema de bolsas e canais.

Poupette vivia com os nervos à flor da pele. Eu estava tensa, irritadiça. O que sobretudo nos desesperava eram as agonias de mamãe, suas ressurreições, e nossa própria contradição. Nessa corrida entre o sofrimento e a morte, desejávamos com ardor que esta chegasse primeiro. Entretanto, quando mamãe dormia, o rosto inanimado, espiávamos ansiosamente sobre a camisola branca o movimento débil do cordão negro que segurava seu relógio: o medo do espasmo final comprimia-nos o estômago.

Ela estava indo bem quando a deixei no domingo, ao começo da tarde. Na segunda de manhã, seu rosto esquelético me apavorou; saltava aos olhos o trabalho dos misteriosos enxames que, entre a pele e os ossos, devoravam suas células. Às dez da noite, Poupette passou discretamente um papel para a mão da acompanhante: “Devo chamar minha irmã?” A moça fez que não com a cabeça: o coração estava aguentando bem. Mas novas misérias se preparavam. A sra. Gontrand mostrou-me a ilharga direita de mamãe: gotas d’água exsudavam dos poros, o lençol estava empapado. Já quase nunca urinava, um edema inchava sua carne. Mamãe olhava para as mãos e resmungava, com perplexidade, vendo seus dedos gordos e redondos como chouriços. “É a imobilidade”, disse-lhe eu.

Sedada pelo Equanil e a morfina, ela percebia sua fadiga mas aceitava-a com paciência:

— Tua irmã disse-me uma coisa que me tem sido muito útil, num dia em que me julgava já restabelecida: ela disse que eu ainda voltaria a sentir fadiga. Por isso eu sei que é normal.

Recebeu por um minuto a sra. de Saint-Ange e disse-lhe:

— Ah, agora as coisas estão indo muito bem!

Um sorriso descobriu-lhe os maxilares: era já o ricto macabro de um esqueleto, enquanto os olhos brilhavam com uma inocência um pouco febril. Depois de ter comido, teve um mal-estar; chamei a enfermeira, tocando freneticamente a campainha; o que eu desejava realizava-se, ela expirava e eu estava nesse instante desorientada, sem saber o que fazer. A enfermeira deu-lhe um comprimido que a reanimou.

No começo da noite imaginei-a morta e tinha o coração sufocado de angústia. “Localmente, até que está indo melhor”, disse-me Poupette pela manhã, e uma prostração imensa me arrasou. Mamãe sentia-se tão bem que leu algumas páginas de Simenon. À noite sofreu muito: “Tenho dores por todo o lado!” Injeção de morfina. Quando abriu os olhos, durante o dia, seu olhar era vítreo, e pensei: “Desta vez é o fim.” Voltou a adormecer. Perguntei ao dr. N.:

— É o fim?

— Oh, não — respondeu-me num tom meio compassivo, meio triunfante —, nós a reanimamos muito bem!

Então, é a dor, o sofrimento, que vai levar a melhor? *Acabem comigo. Deem-me o meu revólver. Tenham piedade de mim.* Ela dizia: “Tenho dores por todo o lado.” Contemplava e remexia ansiosa seus dedos inchados. Começava a perder a confiança: “Esses médicos, estou ficando irritada com eles. Dizem-me sempre que estou melhorando. E sinto-me cada vez pior.”

Apeguei-me tenazmente a essa moribunda. Enquanto falávamos na penumbra, eu apaziguava uma antiga pena: reatava o diálogo interrompido em minha adolescência e que nossas divergências e semelhanças nunca haviam permitido retomar. E a antiga ternura que acreditava inteiramente extinta ressuscitava, agora que lhe era possível insinuar-se em palavras e gestos muito simples.

Olhava-a. Ali estava ela, presente, consciente e completamente ignorante da história que vivia. Não saber o que se passa sob a nossa própria pele é normal. Mas até o exterior de seu corpo lhe escapava: seu ventre ferido, sua fístula, as imundícies que escorriam dela, a cor azul de

sua epiderme, o líquido que exsudava de seus poros; não podia explorar nada disso com suas mãos quase paralisadas, e, quando a cuidavam, sua cabeça era virada para trás. Nunca mais voltou a pedir o espelho: seu rosto de moribunda já não existia para ela. Repousava e sonhava, a uma distância infinita de sua carne em putrefação, os ouvidos cheios do ruído de nossas mentiras e toda ela mobilizada numa esperança apaixonada: curar-se. Eu desejaria poupá-la a discordâncias inúteis:

— Você já não precisa tomar esse remédio.

— Não, é melhor tomá-lo. — E engolia o líquido amarelento e pastoso. Tinha dificuldade em comer.

— Não force, mamãe; isso chega, pare por aí.

— Você acha?

Examinava o prato, hesitava:

— Hum, dê-me um pouco mais.

No final, eu escamoteava o prato:

— Você o limpou — dizia-lhe.

Ela impunha-se como obrigação tomar um iogurte no meio da tarde. Exigia amiúde sucos de frutas. Movia um pouco os braços, erguia as mãos e aproximava-as em forma de taça, lentamente, num gesto cauteloso, até tocar às apalpadelas o copo, que eu continuava segurando. Aspirava por uma palhinha as vitaminas benfeitoras: uma boca ávida, gulosa, sorvia a vida sofregamente.

Em seu rosto ressequido, os olhos tinham ficado enormes; franzia-os, imobilizava-os; à custa de um esforço imenso, arrancava-se dos seus limbos para subir de novo à superfície desses lagos de luz negra; concentrava-se totalmente nisso; encarava-me com uma fixidez dramática: como se tivesse acabado de inventar o olhar. “Eu vejo você!” De cada vez, tinha de reconquistar às trevas o dom de ver, de olhar. Era o que a prendia ao mundo, tal como suas unhas estavam aferradas ao lençol, a fim de não soçobrar. “Viver! Viver!”

Como eu estava triste, nessa tarde-noite de quarta-feira, no táxi que me levava! Conhecia de cor o trajeto através de belos bairros: Lancôme, Houbigant, Hermès, Lanvin. Com frequência, um sinal vermelho detinha-me diante da loja de Cardin: olhava os feltros, os coletes, os lenços de seda, os sapatos, as botas, de uma elegância irrisória. Mais adiante, belos roupões felpudos, de cores suaves; pensei: “Vou comprar-lhe um para substituir o roupão vermelho.” Perfumes, casacos de peles, *lingeries*,

joias: luxuosa arrogância de um mundo onde não há lugar para a morte; esta, porém, se ocultava por trás dessas fachadas, no segredo acinzentado das clínicas, dos hospitais, dos quartos fechados. E eu já não conhecia outra verdade.

Na quinta-feira, como cada dia, o rosto de mamãe consternou-me: um pouco mais encovado e atormentado que na véspera. Mas via. Examinou-me:

— Estou olhando para você. Os seus cabelos são todos castanhos.

— Claro que sim, você sabe muito bem disso.

— É que você e sua irmã tinham as duas uma grande mecha branca. Era para que eu me agarrasse, para não cair.

Remexeu os dedos:

— Estão menos inchados, não estão?

Adormeceu. Quando voltou a abrir os olhos, disse-me: — Quando vejo uma grande placa branca, então sei que vou acordar. Quando adormeço, adormeço de saias.

Que lembranças, que fantasmas a invadiam? Ela sempre vivera voltada para o mundo exterior, e impressionava-me vê-la subitamente perdida em si mesma. Já não gostava que a distraíssem. Uma amiga, a srta. Vauthier, contava-lhe nesse dia, com muita imaginação, uma história de dona de casa. Afastei-a rapidamente, pois mamãe fechava os olhos. Quando voltei para junto dela, disse-me:

— Não convém contar essas histórias a doentes, isso não lhes interessa.

Passei essa noite com ela. Tanto quanto a dor, ela temia os pesadelos. Quando chegou o dr. N., ela reclamou:

— Que me espicacem quantas vezes for preciso —, e imitava o gesto da enfermeira aplicando uma injeção.

— Ah! Ah! A senhora vai virar uma autêntica drogada! — disse N., em tom brincalhão. — Eu podia fornecer-lhe morfina a preços muito vantajosos.

A expressão de mamãe pôs-se muito severa, e ela replicou, em voz dura:

— Há dois pontos em que um médico que se respeita não transige: a droga e o aborto.

A sexta-feira transcorreu sem novidades. No sábado, mamãe dormiu o tempo todo:

— Muito bem — disse-lhe Poupette. — Repousaste bastante.

Mamãe suspirou:

— Hoje não vivi.

Trabalho duro o de morrer, quando se ama tanto a vida.

— Ela pode aguentar dois ou três meses — disse-nos um dos médicos essa noite. Nesse caso, era preciso organizarmo-nos, habituar mamãe a passar algumas horas sem nós. Tendo seu marido chegado na véspera a Paris, minha irmã decidiu deixar mamãe sozinha nessa noite com a srta. Cournot. Voltaria pela manhã; Marthe, por volta das duas e meia; e eu, às cinco.

Às cinco horas empurrei a porta. A persiana estava descida, fazia uma penumbra que era quase escuridão. Marthe segurava a mão de mamãe, voltada sobre o lado direito, o aspecto exausto, lastimável: as escaras de sua nádega esquerda eram uma chaga viva; nessa posição, ela sofria menos, mas o desconforto de sua postura era algo que a derreava. Ela havia aguardado a visita de Poupette e Lionel até as onze horas, em angústia, porque se tinham esquecido de prender ao seu lençol, com um alfinete, o cordão da campainha; o botão estava fora do seu alcance, e ela não tinha nenhum meio de chamar alguém. Sua amiga, a sra. Tardieu, passara para vê-la, mas, de qualquer forma, mamãe não deixou de dizer a minha irmã:

— Você me deixa entregue às feras! — (Detestava as enfermeiras de domingo.) Depois, recuperou suficiente animação para mexer com Lionel: — Então, esperava já estar livre da sogra, hem? Pois bem, ainda não vai ser desta vez.

Tendo ficado sozinha, após o desjejum, durante uma hora, a angústia voltou a apoderar-se dela. Disse-me numa voz febril:

— Não devem deixar-me assim sozinha: ainda estou muito fraca. Não podem deixar-me entregue às feras!

— Não a deixaremos mais.

Marthe foi embora, mamãe adormeceu e despertou em sobressalto: doía-lhe a nádega direita. A sra. Gontrand mudou-a de posição. Continuou se queixando. Eu quis tocar a campainha: “É inútil. Virá de novo a sra. Gontrand. Ela não sabe.” As dores de mamãe nada tinham de imaginário, as causas eram orgânicas e precisas. Contudo, abaixo de um certo limiar, os gestos das senhoritas Parent ou Martin logravam acalmá-las; idênticos, os da sra. Gontrand não a aliviavam. Entretanto, voltou a adormecer. Às seis e meia tomou, com evidente prazer, um caldo, um mingau. E, bruscamente, gritou, a nádega esquerda em fogo. Nada de surpreendente.

Seu corpo em carne viva mergulhava no ácido úrico que sua pele exsudava; as enfermeiras queimavam os dedos quando lhe mudavam o lençol de resguardo. Toquei repetidamente a campainha, em pânico: como os segundos eram longos! Eu segurava a mão dela, tocava-lhe a fronte, falava:

— Vão lhe dar uma injeção. Não doerá mais. Um minuto, nada mais que um minuto.

Crispada, à beira do uivo, gemia.

— Isto queima, é horrível, não suporto. Não vou aguentar. — E, num meio soluço: — Ah, sou tão infeliz — com aquela voz infantil que me dilacerava.

Como estava só! Tocava-lhe, falava-lhe, mas era impossível penetrar em seu sofrimento. Seu coração acelerado, os olhos revirados, eu pensava: “Ela morre, vai morrer agora”, e mamãe murmurou:

— Vou desmaiar.

Finalmente, a sra. Gontrand deu-lhe uma injeção de morfina. Sem resultado. Voltei a chamar. Estava aterrorizada com a ideia de que a dor pudesse deflagrar-se pela manhã, quando mamãe não tinha ninguém perto dela nem qualquer meio de chamar por ajuda; estava fora de questão deixá-la por um minuto sequer. Desta vez, as enfermeiras deram-lhe Equanil, mudaram o lençol de resguardo, untaram suas chagas com uma pomada que punha reflexos metálicos nas mãos delas. A sensação de queimadura desapareceu; durara apenas um quarto de hora: uma eternidade. *Ele berrou horas a fio.* “É tolice”, dizia mamãe. “É uma grande tolice!” Sim: uma tolice de fazer chorar. Eu não entendia mais os médicos, nem minha irmã, nem a mim mesma. Esses instantes de tortura inútil, nada no mundo poderia justificá-los.

Segunda pela manhã falei com Poupette ao telefone: o fim estava próximo. O edema não era reabsorvido; o ventre não fechava. Os médicos tinham dito às enfermeiras que nada mais restava fazer senão entupir mamãe de calmantes.

Às duas horas, diante da porta 114, encontrei minha irmã, inteiramente fora de si. Ela dissera a srta. Martin:

— Não deixem mamãe sofrer como ontem.

— Mas, senhora, se lhe damos tantas injeções, é simplesmente por causa das escaras; no dia em que chegarem as grandes dores, a morfina não fará efeito nenhum.

Assediada de perguntas, ela explicara então que, de um modo geral, em casos análogos ao de mamãe, o doente morre em meio a tormentos abomináveis. *Tenham piedade de mim. Acabem comigo.* Quer dizer que o dr. P. nos mentira? Arranjar um revólver, matar mamãe com um tiro; estrangulá-la. Românticas e fúteis visões. Mas também me era impossível imaginar-me ouvindo mamãe, durante horas, soltando uivos lancinantes.

— Vamos falar com P.

— Ele chegava e abordamo-lo.

— Doutor, o senhor prometeu que ela não sofreria.

— Ela não sofrerá.

Fez-nos ver que se quisessem a todo custo prolongar-lhe a vida e assegurar-lhe uma semana de martírio, teria sido necessária uma nova operação, além de transfusões e injeções em quantidade crescente. Sim. O próprio N. dissera a Poupette pela manhã: “Fizemos tudo o que era preciso fazer, enquanto restasse uma possibilidade. Agora, tentar retardar sua morte seria sadismo.” Mas essa abstenção não nos bastava. Perguntamos a P.:

— A morfina impedirá as grandes dores?

— Administraremos as doses necessárias.

Falou com firmeza e inspirou-nos confiança. Tranquilizamo-nos. Ele entrou no quarto para refazer o curativo. “Ela está dormindo”, dissemos-lhe. “Ela não perceberá sequer a minha presença.” Sem dúvida, mamãe dormia ainda quando o médico saiu. Mas, recordando-me de suas angústias da véspera, disse a Poupette: “É preciso que, ao abrir os olhos, mamãe não se veja só.” Minha irmã abriu a porta e fez bruscamente meia-volta na minha direção; estava pálida e deixou-se cair no banco do vestíbulo, soluçando: “Eu vi a barriga dela!” Fui preparar-lhe um Equanil.

Quando o dr. P. voltou, Poupette disse-lhe:

— Vi a barriga dela! É horrível!

— Não, não, é normal — respondeu ele, um pouco embaraçado.

Poupette disse-me: “Mamãe apodrece viva”, e não fiz comentário algum. Conversamos as duas. Depois, fui sentar-me à cabeceira de mamãe; dir-se-ia que estava morta, tão tênue era o movimento do cordão negro sobre a brancura da camisola. Por volta das seis horas ergueu as pálpebras.

— Mas que horas são? Não entendo... Já anoiteceu?

— Você dormiu a tarde toda.

— Dormi 48 horas!

— Claro que não.

Recordei-lhe os acontecimentos da véspera. Ela olhava para longe, através da vidraça, as trevas e os anúncios em néon:

— Não entendo — repetiu, num ar ofendido.

Falei-lhe das visitas e dos telefonemas que recebera para ela.

— Tanto me faz — disse ela. Ruminava seu espanto:

— Ouvi o que os médicos diziam. Eles diziam: é preciso entupi-la.

Por uma vez, a vigilância falhara. Expliquei: era inútil sofrer como na véspera; fariam com que ela dormisse bastante, na expectativa de que as suas escaras cicatrizassem.

— Sim, tudo isso está muito certo — retorquiu, em tom de censura. —, mas perco uma porção de dias.

“Hoje não vivi.” “Estou perdendo os dias.” Cada dia tinha para ela um valor insubstituível. E ia morrer. Mamãe ignorava-o, mas eu sabia-o. Em nome dela, eu não me resignava.

Bebeu um pouco de caldo, e ficamos esperando Poupette:

— Ela cansa-se muito quando dorme aqui — disse mamãe.

— Nada disso.

Suspirou:

— Tanto faz. — E após um instante de reflexão: — O que me inquieta é que tudo me é indiferente. — Antes de voltar a dormir, perguntou-me, desconfiada: — Mas será que se pode entupir assim as pessoas, embrutecê-las?

Seria um protesto? Creio que ela desejava mais que eu a tranquilizasse: o seu torpor era artificialmente provocado e não indicava um declínio.

Quando a srta. Cournot se apresentou, mamãe ergueu as pálpebras. Os olhos giraram nas órbitas, acomodou a visão, distinguiu a acompanhante e encarou-a com uma gravidade mais pungente do que a de uma criança que descobre o mundo:

— Você, quem é você?

— É a srta. Cournot, mamãe.

— E o que faz ela aqui a esta hora?

— Já é noite — repeti.

Seus olhos franzidos interrogavam a srta. Cournot:

— Mas por quê?

— A senhora sabe muito bem: eu passo todas as noites sentada ao seu lado.

Mamãe disse com um vago tom de censura:

— Ora essa! Mas que ideia mais tola!

Preparei-me para sair.

— Vai embora?

— Incomoda-se de que eu saia?

Respondeu de novo:

— Tanto faz. Tudo me é indiferente.

Não saí logo; as enfermeiras de dia afirmavam que mamãe não passaria, sem dúvida, dessa noite. O pulso saltava de 48 para 100. Estabilizou-se por volta das dez horas. Poupette deitou-se. Eu voltei para casa. Estou agora convencida de que P. não tinha abusado de nossa boa-fé. Mamãe se extinguiria daqui a um dia ou dois sem sofrer demais.

Acordou lúcida. Assim que começava a sentir dores, davam-lhe um sedativo. Cheguei às três horas: ela dormia, com Chantal à sua cabeceira:

— Pobre Chantal — disse-me ela um pouco mais tarde. — Tem tanta coisa a fazer e eu roubo-lhe tempo.

— Mas isso dá-lhe prazer. Ela te ama tanto.

Mamãe meditou um pouco; num tom entre surpreso e aflito, disse:

— Quanto a mim, já não sei se amo alguém.

Lembrei-me de seu orgulho: “Gostam de mim porque sou alegre.” Pouco a pouco, muitas pessoas haviam se tornado importunas para ela. Agora, seu coração estava embotado: a fadiga tomara conta de tudo. E, no entanto, nenhuma de suas palavras mais afetuosas me tocara tanto quanto essa declaração de indiferença. Outrora, as fórmulas de conveniência aprendidas, os gestos convencionais, eclipsavam seus verdadeiros sentimentos. Avaliava o seu calor pelo frio que deixara nela sua ausência.

Adormeceu, a respiração tão imperceptível que imaginei: “Se ela pudesse parar agora, sem sobressaltos.” Mas o cordão negro subia e descia. O salto não seria assim tão fácil. Despertei-a às cinco horas, como exigira, para dar-lhe um iogurte: “Sua irmã insiste em que o tome. É bom para mim.” Engoliu duas ou três colheradas; eu pensava naqueles alimentos que, em certos lugares, se depositam sobre as tumbas dos mortos. Fiz-lhe aspirar o aroma de uma rosa que Catherine lhe trouxera na véspera. “A última rosa de Meyrignac.” Lançou-lhe apenas um olhar distraído. Mergulhou de novo no sono, de que foi arrancada por uma

queimadura na nádega. Morfina: sem resultado. Como na antevéspera, segurei-lhe a mão e a exortei:

— Um minuto. A injeção vai surtir efeito. Num minuto acabou.

— É um suplício chinês — disse ela, num tom neutro, debilitada demais até para protestar.

Chamei de novo, insisti: segunda injeção. A pequenina Parent arrumou a cama, deslocou mamãe um pouco; ela voltou a adormecer, as mãos geladas. A servente resmungou porque devolvi o jantar que trazia às seis horas: implacável rotina das clínicas em que a agonia, a morte, são incidentes cotidianos. Às sete e meia, mamãe disse-me:

— Ah! Agora sinto-me bem. Realmente bem. Há muito tempo que não me sentia assim tão bem.

A filha mais velha de Jeanne chegou e ajudou-me a fazê-la absorver um pouco de caldo e de café com creme. Era difícil, porque tossia muito: um começo de sufocação. Poupette e a srta. Cournot aconselharam-me a ir para casa. Nada aconteceria nessa noite, sem dúvida, e a minha presença inquietaria mamãe. Beije-a e ela disse-me, com um de seus hediondos sorrisos:

— Estou satisfeita que me tenhas visto tão bem!

Deitei-me à meia-noite e meia, depois de tomar um comprimido de Beladenal. Acordei: soava o telefone:

— Você só tem alguns minutos. Marcel vai buscá-la de carro.

Marcel — primo de Lionel — fez-me cruzar Paris deserta a toda velocidade. Engolimos um café no balcão de um botequim aberto nas vizinhanças da Porte Champerret. Poupette veio ao nosso encontro no jardim da clínica:

— Está tudo acabado. — Subimos. Isso era tão esperado e tão inconcebível, esse cadáver deitado sobre a cama no lugar de mamãe. Sua mão, sua fronte, estavam frios. Ainda era ela e sempre a sua ausência. Uma gaze sustentava o queixo, emoldurando seu rosto inerte. Minha irmã queria ir buscar roupas na rua Blomet:

— Para quê?

— Parece que é o costume.

— Nós não o faremos.

Eu não imaginava vestir mamãe com um vestido longo e sapatos, como se fosse jantar na cidade; nem pensava que ela o desejasse: declarara

muitas vezes que pouco se interessava pelo que fizessem com seus restos mortais.

— Bastará vestir-lhe uma de suas camisolas — recomendei à srta. Cournot.

— E a aliança? — perguntou Poupette, apanhando o anel na gaveta da mesa.

Enfiamo-la no dedo. Por quê? Sem dúvida porque não existia nenhum lugar na terra para esse pequeno aro de ouro.

Poupette estava no limite de suas forças. Após um último olhar àquilo que já não era mamãe, conduzi-a rapidamente para fora. Bebemos um copo com Marcel no bar do Dôme. Ela contou.

Às nove horas, N. saiu do quarto e disse, furioso: “Mais um agrão que saltou. Depois de tudo o que se fez por ela: é irritante!” Saiu, deixando minha irmã aturdida. Apesar de suas mãos geladas, mamãe queixava-se de muito calor e respirava um pouco ofegante. Deram-lhe uma injeção, e ela adormeceu. Poupette despiu-se, deitou-se e fingiu estar lendo um romance policial. Por volta da meia-noite, mamãe agitou-se. Poupette e a acompanhante aproximaram-se da cama. Ela abriu os olhos:

— Que fazem vocês aí, por que estão com esse ar ansioso? Estou muito bem.

— É que você teve um pesadelo.

Ao arrumar-lhe os lençóis, a srta. Cournot tocou os pés de mamãe: o frio da morte apossara-se deles. Minha irmã hesitou em chamar-me. Mas a minha presença, a essa hora, teria alarmado mamãe, que conservava toda a sua lucidez. Poupette voltou a deitar-se. A uma hora, mamãe voltou a agitar-se. Numa voz quase imperceptível, murmurou os versos de uma velha cantiga que papai cantava: “Tu vais embora e me deixas”, e mamãe esboçou um breve sorriso cheio de intenção. Era-lhe cada vez mais difícil respirar. Após nova injeção, murmurou numa voz um pouco pastosa:

— É preciso... reservar... *l'armoire*.

— É preciso reservar o quê? O armário?

— Não, disse ela, *La Morte*. — Carregou fortemente a palavra morte. E acrescentou: — Não quero morrer.

— Mas estás quase curada!

Em seguida, divagou um pouco:

— Gostaria de ter tido tempo para apresentar o meu livro... É preciso que ela dê o seio a quem quiser.

Minha irmã vestiu-se: mamãe perdera praticamente a consciência. Gritou de súbito:

— Estou sufocando.

A boca abriu-se, os olhos dilataram-se, imensos naquele rosto esvaziado de carne: num espasmo, ela entrara em coma.

— Vá telefonar — disse a srta. Cournot.

Poupette chamou-me, não respondi. A telefonista insistiu durante meia hora, antes que eu despertasse. Nesse meio-tempo, Poupette voltara para junto de mamãe, já ausente; o coração batia, ela respirava, sentada, os olhos vítreos, sem nada ver. E estava tudo terminado:

— Os médicos diziam que ela se apagaria como uma vela; não foi isso, não foi nada disso”, disse minha irmã entre soluços.

— Mas, minha senhora — respondeu a acompanhante —, asseguro-lhe que ela teve uma morte muito suave.

Mamãe temera toda a sua vida o câncer e talvez o temesse ainda na clínica, quando a radiografaram. Após a intervenção, nem por um instante voltou a pensar nisso. Em certos dias, teve medo de não sobreviver a um choque demasiado rude para a sua idade. Mas a dúvida não lhe acudiu: tinham-na operado de uma peritonite, coisa séria mas suscetível de cura.

O que nos surpreendeu muito mais foi que nunca tivesse reclamado a presença de um padre, nem mesmo naquele dia em que desabafou, desolada: “Não voltarei a ver Simone!” Não retirou de sua gaveta o missal, o crucifixo e o rosário que Marthe lhe trouxera. Jeanne sugeriu certa manhã:

— Hoje é domingo, tia Françoise; não tem vontade de comungar?

— Oh! minha pequena, estou fatigada demais para rezar; Deus é bom!

A sra. Tardieu perguntou-lhe com mais insistência, na presença de Poupette, se não queria receber o seu confessor; o rosto de mamãe endureceu:

— Muito fatigada.

E fechou os olhos para dar a conversa por encerrada. Após a visita de uma outra velha amiga, mamãe disse a Jeanne:

— Essa pobre Louise faz-me perguntas tão bobas: quis saber se havia um capelão na clínica. Você sabe que isso pouco me importa!

A sra. de Saint-Ange nos assediava:

— Se ela está angustiada, deveria desejar as consolações da religião.

— Ela não as deseja.

— Mas fizera-nos prometer, a mim e a outras amigas, que a ajudássemos a morrer bem.

— De momento, tudo o que ela quer é que a ajudem a curar-se. Recriminavam-nos. Sem dúvida, não impedíamos mamãe de receber os últimos sacramentos, mas tampouco lhe impúnhamos isso. Para tanto, teríamos de adverti-la: “Você tem um câncer. Vai morrer.” Certas carolas tê-lo-iam feito, estou certa disso, se as tivéssemos deixado a sós com mamãe. (No lugar delas, eu teria temido suscitar na amiga um pecado de revolta que lhe valeria séculos de purgatório.) Mamãe não desejava esses *tête-à-tête*. Ela desejava, ao redor de sua cama, jovens sorrisos: “Velhas

como eu, terei tempo de vê-las quando estiver num lar de aposentados”, dizia às suas sobrinhas-netas. Ela sentia-se em segurança com Jeanne, Marthe, duas ou três amigas devotas mas compreensivas e que aprovavam nossas mentiras. Desconfiava das outras e falava de algumas dentre elas num tom de maldisfarçada animosidade: como se, com um instinto surpreendente, tivesse adivinhado quais presenças ameaçavam perturbar seu repouso: “Essas senhoras do Círculo, não pretendo vê-las de novo. Não voltarei lá.”

As pessoas vão pensar: “Sua fé era apenas superficial e verbal, pois não resistiu diante do sofrimento e da morte.” Eu ignoro o que seja a fé. Mas a religião era o núcleo e a própria substância de sua vida: os papéis que encontramos em suas gavetas confirmaram-no. Se ela tivesse visto na oração algo mais do que um ronronar mecânico, não a fatigaria mais desfiar seu terço do que fazer palavras cruzadas. Sua abstenção convenceu-me, pelo contrário, de que rezar era, para ela, um exercício que exigia atenção, reflexão, um certo estado de alma. Sabia o que tinha de dizer a Deus: “Curai-me. Mas que seja feita a vossa vontade: aceito morrer.” Ela não aceitava. Nesse momento de verdade, não queria proferir palavras insinceras. Não se permitia, entretanto, o direito de se rebelar. Calava-se: “Deus é bom.”

“Não entendo”, disse-me a srta. Vauthier, desorientada. “Sua mãe é tão crente, tão devota; e tem tanto medo da morte!” Ignoraria ela que inúmeros santos morreram gritando convulsionados? Aliás, mamãe não temia a Deus nem o diabo: somente deixar a terra. Viu partir minha avó, que disse, com uma expressão de contentamento: “Vou comer um último ovo quente e depois irei reencontrar Gustave.” Jamais pusera muito ardor em viver; aos 84 anos, vegetava com tristeza: morrer não a incomodava. Meu pai não mostrou menos coragem: “Pede a sua mãe que não faça vir um padre. Não quero comédias”, disse-me ele. Deu-me instruções sobre certas questões práticas. Arruinado, azedo, aceitara o nada tão serenamente quanto vovó, o paraíso. Mamãe amava a vida como eu a amo e sentia diante da morte a mesma revolta que eu. Recebi durante sua agonia muitas cartas que comentavam o meu último livro: “Se não tivesse perdido a fé, a morte não a aterrorizaria tanto”, escreviam-me, com uma comiseração amarga, os devotos. Leitores benevolentes exortavam-me: “Desaparecer não é nada: sua obra ficará.” E a todos eu respondia intimamente que se enganavam. A religião não podia fazer mais por minha

mãe do que por mim a esperança de um sucesso póstumo. Quer a imaginemos celeste ou terrena, a imortalidade, quando se ama a vida, não encontra consolo na morte.

Que teria acontecido se o médico de mamãe tivesse diagnosticado o câncer desde os primeiros sintomas? Sem dúvida, tê-lo-ia combatido por meio de raios e mamãe teria vivido dois ou três anos mais. Mas também teria conhecido ou, pelo menos, suspeitado da natureza de seu mal e passado o fim de sua existência apavorada. O que deploramos é que o erro do médico nos tivesse enganado; não fosse isso, a felicidade de mamãe teria passado a ser a nossa maior preocupação. Os impedimentos de Jeanne e Poupette, durante o verão, não teriam contado. Eu tê-la-ia visto com muito maior assiduidade, teria inventado prazeres para ela.

Devemos ou não lamentar que os médicos a tenham reanimado e operado? Ela “ganhou” trinta dias; ela, que não queria perder um só dia; proporcionaram-lhe alegrias, sim, mas também ansiedade e sofrimentos. Tendo escapado ao martírio de que, por vezes, a julguei ameaçada, não poderei decidir em nome dela. Para minha irmã, perder mamãe no mesmo dia em que a reencontrava teria sido um choque de que dificilmente se refaria. E eu? Essas quatro semanas deixaram-me imagens, pesadelos, tristezas que não teria conhecido se mamãe tivesse morrido na quarta-feira de manhã. Mas não posso avaliar o abalo que teria sofrido, já que a minha dor explodiu de um modo que não previra. Extraímos desse adiamento um certo benefício: ele nos salvou — ou quase — do remorso. Quando alguém que nos é querido desaparece, pagamos com mil desgostos e arrependimentos a culpa de sobreviver. Sua morte desvenda-nos sua singularidade ímpar; ele torna-se imenso, vasto como o mundo que sua ausência aniquilou para ele, que sua presença fazia existir integralmente; parece-nos que esse ente querido deveria ter ocupado um lugar maior em nossa vida: em última instância, todos os lugares. Furtamo-nos a essa vertigem: era apenas um indivíduo entre muitos outros. Mas como nunca se faz tudo o que é possível por ninguém — até mesmo nos limites, contestáveis, que cada um se fixa —, ainda nos restam muitas recriminações a fazer. A respeito de mamãe, éramos sobretudo culpadas, nesses últimos anos, de negligências, omissões, abstenções. Parecia-nos que as tínhamos resgatado mediante esses dias que lhe havíamos consagrado, mediante a paz que nossa presença lhe propiciava, e através

das vitórias obtidas contra o medo e a dor. Sem nossa obstinada vigilância, ela teria sofrido muito mais.

Pois, com efeito, por comparação, sua morte fora suave. “Não me deixem entregue às feras.” Eu pensava em todos aqueles que não podem dirigir esse apelo a ninguém: que angústia sentir-se uma coisa sem defesa, inteiramente à mercê de médicos indiferentes e de enfermeiras extenuadas! Nenhuma mão sobre a fronte quando o terror os invade; nenhum calmante quando a dor os suplicia: nenhum palavreado mentiroso para encher o silêncio do nada. “Em 24 horas, ela envelheceu quarenta anos.” Essa frase também me obcecara. Ainda hoje existem — por quê? — agonias horríveis. Aliás, nas enfermarias comuns, quando se avizinha a hora derradeira, cerca-se o leito do moribundo com um biombo; ele viu esse biombo colocado em redor de outras camas que no dia seguinte estarão vazias: ele sabe. Eu imaginava mamãe, ofuscada durante horas e horas por esse sol negro que ninguém pode encarar de frente: o pavor de seus olhos franzidos, de pupilas dilatadas. Sim, ela teve uma morte muito suave; uma morte de privilegiada.

Poupette dormiu em minha casa. Às dez da manhã voltamos à clínica: como nos hotéis, o quarto deveria estar desocupado antes do meio-dia. Uma vez mais, subimos a escada, abrimos duas portas: a cama estava vazia. As paredes, a janela, os abajures, os móveis, cada coisa em seu lugar e, sobre a alvura do lençol, nada. Prever não é saber: o golpe foi tão brutal como se não o esperássemos. Retiramos do armário as malas e as enchemos de livros, roupas, objetos de toalete, papéis: seis semanas de uma intimidade deteriorada pela traição. Deixamos o roupão vermelho. Cruzamos o jardim. Ao fundo, meio oculto pelo verde, estava o necrotério e, em seu interior, o cadáver de mamãe, com seu suporte para o queixo. Poupette, que sofrera — por sua própria vontade e também por acaso — os choques mais rudes, estava por demais combalida para que eu lhe sugerisse ir vê-lo. Nem estava certa de que ela o desejasse.

Deixamos as malas na rua Blomet, na casa da zeladora. Vimos o letreiro de uma agência funerária: “Tanto faz aquela como qualquer outra.” Dois cavalheiros vestidos de preto vieram, solícitos, indagar o que desejávamos. Mostraram-nos, num catálogo de fotografias, diversos modelos de caixão:

— Este aqui é mais estético. — Poupette pôs-se a rir e a soluçar:

— Mais estético! Este caixote! Ela não queria que a metessem neste caixote!

O enterro ficou marcado para dois dias depois, uma sexta-feira. Desejávamos flores? Dissemos que sim, sem saber por quê: nem cruz nem coroa, mas um ramo bem grande de flores. Perfeito: eles se encarregariam de tudo. Depois do almoço subimos as malas para o apartamento; a srta. Leblon transformara-o; mais arrumado, mais limpo, mais alegre, mal o reconhecemos: tanto melhor. Metemos num armário o saco que continha as camisolas, arrumamos os livros numa prateleira, jogamos fora a água-de-colônia, as balas, os objetos de toalete, e levamos o resto para minha casa. À noite, tive dificuldade em adormecer. Não lamentava ter-me separado de mamãe com suas últimas palavras: “Estou satisfeita de que você me tenha visto tão bem.” Mas censurava-me por ter abandonado tão apressadamente o seu cadáver. Ela dizia, e minha irmã também: “Um

cadáver já não é nada.” No entanto, era a sua carne, os seus ossos, e durante algum tempo ainda o seu rosto. Meu pai, eu ficara junto dele até o exato momento em que se converteu para mim numa coisa; eu tinha dominado a passagem da presença para o nada. No caso de mamãe, eu partira pouco depois de tê-la beijado, e era por isso que me parecia ser ainda a sua pessoa que jazia, solitária, no frio de um necrotério. A colocação no féretro seria no dia seguinte à tarde: iria assistir a isso?

Cheguei à clínica por volta das quatro horas para pagar a conta. Tinha chegado correspondência para mamãe e uma caixa de geleia de frutas. Subi para despedir-me das enfermeiras. Encontrei as pequenas Martin e Parent, risonhas, no corredor. Eu sentia um nó na garganta, mal consegui articular duas palavras. Passei diante da porta do 114; já tinham retirado o letreiro: *Visitas proibidas*. No jardim, hesitei por um instante: faltou-me a coragem; e para quê? Fui embora. Revi a loja de Cardin e os belos roupões. Dizia para mim mesma: não voltarei a sentar-me no vestíbulo, não levantarei mais do gancho o fone branco, não farei nunca mais este trajeto; teria alegremente rompido com esses hábitos se mamãe se tivesse curado; mas conservava a nostalgia deles, pois fora perdendo-a que eu agora os perdia também.

Queríamos distribuir recordações entre seus íntimos. Diante da bolsa de palha, repleta deovelos de lã e de um tricô inacabado, diante de suas tesouras, seu dedal, a emoção afogou-nos. É conhecido o poder dos objetos: a vida neles se petrifica, mais presente que em nenhum de seus instantes. Jaziam agora sobre a minha mesa, órfãos, inúteis, aguardando o momento em que se converteriam em refugio ou encontrariam um outro estado civil: o meu estojo, que herdei da tia Françoise. Destinamos o relógio dela para Marthe. Ao desatar o cordão negro, Poupette pôs-se a chorar:

— É uma idiotice, não sou fetichista, mas não posso jogar fora este cordão.

— Guarde-o.

É inútil pretendermos integrar a morte na vida e conduzirmo-nos de maneira racional em face de uma coisa que não o é: que cada um se vire como possa na confusão de seus sentimentos. Eu compreendo todas as últimas vontades e também que não se tenha nenhuma; que se estreitem as ossadas nos braços ou que se abandone o corpo do ser que se ama na vala comum. Se minha irmã tivesse insistido em vestir mamãe ou desejasse

guardar sua aliança, eu teria admitido tão bem suas reações quanto as minhas. Quanto ao funeral, não tínhamos perguntas a fazer-nos. Pensávamos conhecer os desejos de mamãe e a eles nos havíamos submetido.

Por outro lado, encontrávamo-nos a braços com dificuldades macabras. Possuíamos no Père-Lachaise um jazigo perpétuo, comprado há 130 anos por uma certa sra. Mignot, irmã de nosso bisavô. Ela ali estava enterrada, assim como vovô, sua esposa, seu irmão, meu tio Gaston e papai. Não havia mais lugar. Em casos idênticos, inuma-se o defunto numa sepultura provisória e, depois de reunir as ossadas dos predecessores mais antigos num só caixão, faz-se então o sepultamento definitivo no jazigo da família. Entretanto, como o terreno do cemitério vale muito dinheiro, a administração esforça-se por recuperar as concessões perpétuas: ela exige do proprietário que renove de trinta em trinta anos a afirmação de seus direitos. O prazo já se esgotara. Não nos tinham notificado em tempo hábil que corríamos o risco de perdê-los e, portanto, conservá-los-íamos, na condição de que não existisse qualquer descendente dos Mignot suscetível de nos disputar esses direitos. Enquanto um notário se encarregasse de obter a prova, o corpo de mamãe seria guardado num depósito.

Temíamos a cerimônia do dia seguinte. Tomamos tranquilizantes, dormimos até as sete horas, bebemos chá, comemos e voltamos a tomar tranquilizantes. Um pouco antes das oito horas, um carro funerário preto parou na rua deserta: estivera antes de despontar o dia na clínica, para retirar o corpo, que saiu por uma discreta porta de serviço. Atravessamos a bruma fria da manhã, sentamo-nos, Poupette entre o motorista e um dos senhores Durand, eu ao fundo, ao lado de uma espécie de caixa metálica:

— Ela está aí? — perguntou minha irmã.

— Sim.

Teve um breve soluço e disse-me:

— A única coisa que me consola é que também eu passarei por lá. Sem isso, tudo isto seria muito injusto!

Sim. Assistíamos ao ensaio geral do nosso próprio enterro. O triste é que essa aventura comum a todos, cada um a vive só. Não tínhamos abandonado mamãe um só instante nessa agonia que ela confundia com uma convalescença, e agora estávamos radicalmente separados dela.

Durante a travessia de Paris, eu olhava as ruas, as pessoas, tendo o cuidado de não pensar em nada. Automóveis esperavam à porta do

cemitério: a família. Seguiram-nos até a capela. Todos desceram. Enquanto os coveiros retiravam o féretro, arrastei Poupette até junto da irmã de mamãe, o rosto congestionado de sofrimento. Entramos em cortejo; a capela estava repleta de gente. Nenhuma flor sobre o catafalco; os papa-defuntos tinham-nas deixado na carreta: não tinha importância.

Um jovem padre, de calças sob a casula, disse a missa e fez um breve sermão, de uma estranha tristeza: “Deus está muito longe”, disse ele. “Mesmo para aqueles dentre vós cuja fé é mais sólida, há dias em que Deus está tão longe que parece ausente. Poder-se-ia até dizer: negligente. Mas Ele nos enviou seu Filho.” Dispuseram dois genuflexórios para a comunhão. Quase todos os presentes comungaram. O padre ainda falou um pouco. A nós duas, Poupette e eu, a emoção punha-nos quando ele pronunciava: “Françoise de Beauvoir”; essas palavras ressuscitavam-na, totalizavam sua vida, da infância ao casamento, à viuvez, ao caixão; Françoise de Beauvoir: tornava-se uma personagem, essa mulher apagada, cujo nome era tão raramente citado.

As pessoas desfilarão; algumas mulheres choravam. Estávamos ainda apertando mãos quando os coveiros retiraram o féretro da capela; desta vez Poupette viu-o e afundou em meu ombro:

— Eu tinha-lhe prometido que não a meteriam nesse caixote!

Felicitei-me que ela não tivesse que recordar esta outra súplica: “Não me deixe cair no buraco!” Um dos senhores Durand explicava aos circunstantes que nada mais lhes restava fazer senão dispersarem. O carro fúnebre desaparecera sozinho, nem mesmo sei por onde sumiu.

Num mata-borrão que eu trouxera da clínica encontrei, sobre uma tira estreita de papel, duas linhas que mamãe redigira, numa caligrafia tão firme quanto há vinte anos: “Quero um enterro muito simples. Sem flores nem coroas. Mas muitas orações.” Pois bem, tínhamos cumprido suas últimas vontades e tanto mais fielmente, porquanto as flores haviam sido esquecidas.

Por que a morte de minha mãe me abalou tão profundamente? Desde que eu saíra de casa, ela me inspirara muito poucos impulsos. Quando perdeu papai, a intensidade e a simplicidade de sua dor tinham-me tocado, e também sua solicitude: “Pense em você”, dizia-me ela, supondo que eu retinha as lágrimas para não agravar seu sofrimento. Um ano depois, a agonia de sua mãe recordara-lhe dolorosamente a do marido: no dia do enterro, ela ficou retida no leito por uma depressão nervosa. Eu passara a noite a seu lado; esquecendo minha repulsa por esse leito nupcial onde eu nascera, onde meu pai morrera, vi-a adormecer; aos 55 anos, os olhos fechados, o rosto acalmado, ela ainda era bela; admirava-me que a violência de suas emoções tivesse levado a melhor sobre sua vontade. Habitualmente, pensava nela com indiferença. Contudo, em meu sono — na época em que meu pai só raramente aparecia e de maneira anódina —, ela desempenhava com frequência o papel essencial: confundia-se com Sartre, e éramos felizes todos juntos. Depois, o sonho convertia-se em pesadelo: por que habito de novo com ela? Como voltei a cair sob seu domínio? Nossa antiga relação sobrevivia em mim, portanto, sob a sua dupla figura: uma dependência desejada e detestada. Ela ressuscitou com toda a sua força quando o acidente de mamãe, sua doença, seu fim, quebraram a rotina que regia atualmente nossas relações. Por trás daqueles que abandonam este mundo, o tempo é aniquilado; e quanto mais avanço em anos, mais o meu passado se contrai. A “mamãezinha querida” dos meus dez anos já não se distingue da mulher hostil que oprimiu minha adolescência; chorei as duas ao chorar pela minha velha mãe. A tristeza de nosso fracasso, do qual eu acreditava ter assumido minha parcela, voltou-me ao coração. Olho nossas duas fotografias, que datam da mesma época. Tenho 18 anos, ela beira os quarenta. Hoje, poderia ser quase sua mãe e a avó daquela mocinha de olhos tristes. Fazem-me pena, eu porque sou tão jovem e nada entendo ainda, ela porque seu futuro está fechado e nunca entendeu nada. Mas não saberia dar-lhes conselhos. Não estava em meu poder apagar os infortúnios da infância que condenavam mamãe a tornar-me infeliz e a sofrer por minha vez. Pois se ela envenenou vários anos de minha vida, sem lhe ter dado remédio, eu paguei-lhe na mesma moeda. Ela

atormetou-se por minha alma. Neste mundo, ela estava contente com meus êxitos mas terrivelmente afetada pelo escândalo que eu suscitava em seu meio. Não lhe era agradável ouvir um primo declarar: “Simone é a vergonha da família.”

As transformações que ocorreram em minha mãe durante sua doença exasperaram meus remorsos. Já o disse: dotada de um temperamento robusto e ardente, ela se desmoronara e tornara-se incômoda por suas renúncias. Acamada, decidira viver por conta própria e conservava, no entanto, uma preocupação constante com os outros: de seus conflitos nascera uma harmonia. Meu pai coincidia exatamente com sua personagem social: sua classe e ele próprio falavam em uníssono por sua boca. Suas últimas palavras — “Você começou a ganhar a vida na hora certa; sua irmã saiu-me cara” — desencorajavam as lágrimas. Minha mãe estava imersa numa ideologia espiritualista; mas tinha pela vida uma paixão animal que era a fonte de sua coragem e que, quando conheceu o peso de seu corpo, a reaproximou da verdade. Desembaraçou-se das banalidades que mascaravam o que nela havia de sincero e cativante. Senti então o calor de uma ternura que o ciúme muitas vezes desfigurara e que ela soubera tão mal exprimir. Entre seus papéis, encontrei disso tocantes testemunhos. Mamãe pusera de lado duas cartas, escritas uma por um jesuíta, a outra por uma amiga, e que lhe garantiam que um dia eu voltaria ao seio de Deus. Copiara de seu próprio punho um trecho de Chamson, onde se diz em substância: se aos vinte anos eu tivesse encontrado uma pessoa mais velha e prestigiosa que me falasse de Nietzsche, de Gide, de liberdade, eu teria rompido com o lar paterno. Essa pasta era completada com um artigo recortado de um jornal: *Jean-Paul Sartre salvou uma alma*. Rémy Roure aí conta — o que, aliás, é falso — que após a representação de *Bariona*, no Stalag XII D, um médico ateu se convertera. Eu sei bem o que ela pedia desses textos zelosamente guardados: tranquilizar-se a meu respeito; mas não teria sentido essa necessidade se não alimentasse uma preocupação dolorosa com a minha salvação. “Claro que gostaria de ir para o céu: mas não sozinha, não sem as minhas filhas”, escreveu ela a uma jovem freira.

Acontece muito raramente que o amor, a amizade, a camaradagem, superem a solidão da morte; apesar das aparências, mesmo quando lhe segurava a mão, eu não estava com mamãe: eu lhe mentia. Porque ela fora sempre mistificada, essa mistificação suprema era-me odiosa. Tornava-me

cúmplice do destino que a violentava. Contudo, em cada célula do meu corpo, eu me unia à sua recusa, à sua revolta; era também por isso que a sua derrota me aniquilava. Embora eu estivesse ausente quando ela expirou — enquanto por três vezes eu assistira aos últimos instantes de um agonizante —, foi à sua cabeceira que vi a Morte das danças macabras, ameaçadora e astuta, a Morte dos contos de serão que bate à porta, foice na mão, a Morte que vem de longe, insólita, estranha, inumana: tinha ela o próprio rosto de mamãe, descobrindo os maxilares num grande sorriso ignorante.

“Ela estava na idade de morrer.” Tristeza dos velhos, seu exílio: a maioria não pensa que, para eles, essa idade tenha soado. Também eu, e até a propósito de minha mãe, utilizei esse chavão. De fato, não entendia que se pudesse chorar com sinceridade um parente, um avô de mais de setenta anos. Se encontrava uma mulher de cinquenta anos abalada porque acabara de perder sua mãe, tomava-a por uma neurótica: somos todos mortais; aos oitenta anos já estamos suficientemente velhos para morrer...

Não. Não se morre por ter nascido, nem por ter vivido, nem de velhice. Morre-se de *alguma coisa*. Saber que minha mãe estava condenada por sua idade a um fim próximo não atenuou, em absoluto, a surpresa horrível: ela estava com um sarcoma. Um câncer, uma embolia, uma congestão pulmonar: é tão brutal e imprevisto quanto a paralisação de um motor em pleno céu. Minha mãe encorajava o otimismo quando, parálitica, moribunda, afirmava o prêmio infinito de cada instante; mas também sua obstinação inglória rasgava a cortina tranquilizadora da banalidade cotidiana. Não há morte natural: nada do que acontece ao homem jamais é natural, pois sua presença questiona o mundo. Todos os homens são mortais: mas para cada homem sua morte é um acidente e, mesmo que ele a conheça e a consinta, uma violência indevida.

SOBRE A AUTORA

Simone de Beauvoir nasceu em Paris em 9 de janeiro de 1908, numa típica família burguesa da França. Criada de forma bastante tradicional por pais extremamente católicos, ainda na adolescência rejeitou os valores morais e religiosos de sua família. Formou-se em filosofia na Sorbonne, onde conheceu Jean-Paul Sartre, em 1928, tornando-se sua companheira e maior crítica.

Entre 1941 e 1943, Simone lecionou filosofia na mesma universidade em que estudou, sendo demitida pelos nazistas. Em 1943, lançou seu primeiro livro, o romance *A convidada*, e, em 1949, os dois volumes de *O segundo sexo*. Depois da guerra, junto com Sartre e Merleau-Ponty, fundou a revista *Les Temps Modernes*, que durante 25 anos foi uma das maiores arenas do debate político e filosófico mundial.

Entre romances, ensaios e livros de memórias, Simone de Beauvoir lançou mais de vinte obras. Morreu em 14 de abril de 1986, em Paris, e foi enterrada junto a Sartre.

Conheça os títulos da Coleção Clássicos de Ouro

132 crônicas: cascos & carícias e outros escritos — Hilda Hilst
24 horas da vida de uma mulher — Stefan Zweig
A câmara clara: nota sobre a fotografia — Roland Barthes
A conquista da felicidade — Bertrand Russell
A consciência de Zeno — Italo Svevo
A força da idade — Simone de Beauvoir
A guerra dos mundos — H.G. Wells
A ingênua libertina — Colette
A mãe — Máximo Gorki
A mulher desiludida — Simone de Beauvoir
A náusea — Jean-Paul Sartre
A obra em negro — Marguerite Yourcenar
A riqueza das nações — Adam Smith
As belas imagens (e-book) — Simone de Beauvoir
As palavras — Jean-Paul Sartre
Como vejo o mundo — Albert Einstein
Contos — Anton Tchekhov
Contos de terror, de mistério e de morte — Edgar Allan Poe
Crepúsculo dos ídolos — Friedrich Nietzsche
Dez dias que abalaram o mundo — John Reed
Física em 12 lições — Richard P. Feynman
Grandes homens do meu tempo — Winston S. Churchill
História do pensamento ocidental — Bertrand Russell
Memórias de Adriano — Marguerite Yourcenar
Memórias de uma moça bem-comportada — Simone de Beauvoir
Memórias, sonhos, reflexões — Carl Gustav Jung
Meus últimos anos: os escritos da maturidade de um dos maiores gênios de todos os tempos — Albert Einstein
Moby Dick — Herman Melville
O banqueiro anarquista e outros contos escolhidos — Fernando Pessoa
O deserto dos tártaros — Dino Buzzati
O eterno marido — Fiódor Dostoiévski
O fantasma de Canterville e outros contos — Oscar Wilde

O filho do homem — François Mauriac
O imoralista — André Gide
O príncipe — Nicolau Maquiavel
O que é arte? — Leon Tolstói
O tambor — Günter Grass
Orgulho e preconceito — Jane Austen
Orlando — Virginia Woolf
Os mandarins — Simone de Beauvoir
Retrato do artista quando jovem — James Joyce
Um homem bom é difícil de encontrar e outras histórias — Flannery
O'Connor
Uma morte muito suave (e-book) — Simone de Beauvoir

DIREÇÃO EDITORIAL

Daniele Cajueiro

EDITORA RESPONSÁVEL

Ana Carla Sousa

PRODUÇÃO EDITORIAL

Adriana Torres

Nina Soares

REVISÃO

Luíza Côrtes

Rachel Rimas

CAPA

Victor Burton

DIAGRAMAÇÃO

Filigrana

PRODUÇÃO DE EBOOK

[S2 Books](#)

[1] Diretora e roteirista de cinema.

[2] Não entres docilmente nessa boa noite.

A velhice deveria arder de fúria ao cair do dia;
Fúria, fúria contra a morte da luz...

EDIÇÃO COMEMORATIVA
1949 — 2019

O segundo sexo

VOLUME 1
FATOS E MITOS

VOLUME 2
A EXPERIÊNCIA VIVIDA

Simone de Beauvoir



O segundo sexo - Edição comemorativa de 70 anos

de Beauvoir, Simone

9788520944011

904 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em 1949, Simone de Beauvoir publicava na revista Les Temps modernes alguns capítulos de seu próximo livro, O segundo sexo. Pioneiro, o texto causou grande comoção por seu feminismo audacioso e consagrou a autora no panteão da filosofia mundial. Em homenagem aos setenta anos desta obra revolucionária, a Editora Nova Fronteira preparou esta edição especial, que conta com a colaboração de grandes pensadoras brasileiras. A antropóloga Mirian Goldenberg, a historiadora Mary Del Priore e a filósofa Djamila Ribeiro abordam, em textos inéditos, a importância da obra ao longo das décadas. O livreto extra traz também o impactante ensaio "Quem tem medo de Simone de Beauvoir?", da filósofa Marcia Tiburi, e uma entrevista com Sylvie Le Bon de Beauvoir, herdeira e editora da escritora francesa, publicada pela Cult. O material conta ainda com fotos que perpassam a vida de Simone de Beauvoir, uma das mentes mais brilhantes do século XX.

[Compre agora e leia](#)

CLÁSSICOS PARA TODOS



AUTO DA COMPADECIDA



ARIANO SUASSUNA

Auto da Compadecida

Suassuna, Arian

9788520931332

174 páginas

[Compre agora e leia](#)

"O Auto da Compadecida", peça teatral que mistura regionalismo e religiosidade — e equilibra tradição popular e elaboração literária —, traz as divertidas aventuras de João Grilo e de seu companheiro Chicó, dois trapaceiros que tentam ganhar alguns trocados enganando as pessoas numa pequena cidade do sertão paraibano. Posfácio: Bráulio Tavares

[Compre agora e leia](#)

EDIÇÃO
ESPECIAL E
LIMITADA


COLEÇÃO
CLÁSSICOS
DE
OURO


EDITORA
NOVA
FRONTIERA

**SIMONE
DE BEAUVOIR**
AS BELAS
IMAGENS



As belas imagens

de Beauvoir, Simone

9788520944943

136 páginas

[Compre agora e leia](#)

Laurence é uma publicitária com uma vida aparentemente perfeita: é casada, tem dois filhos, uma carreira bem-sucedida — e, para completar, um amante. Mas, por uma série de contingências, a jovem começa a questionar os próprios valores e o futuro que escolheu para si. Um dos últimos romances de Simone de Beauvoir, "As belas imagens" expõe a condição da mulher e a moral burguesa na França após a Segunda Guerra Mundial, marcada pelo consumismo e pela superficialidade das relações. A passagem do tempo, a felicidade, a ternura, o engajamento político e outros temas são abordados com uma intensidade particularíssima, que levou Simone a se destacar como uma das grandes forças pensantes do século XX. Esta edição conta com a tradução de Claude Gomes de Souza e traz um prefácio inédito da professora e pesquisadora Magda Guadalupe dos Santos.

A obra é relançada após 30 anos da sua última edição, como versão digital.

[Compre agora e leia](#)



RUBEM
FONSECA

Calibre 22

Rubem Fonseca

Calibre 22

Fonseca, Rubem

9788520941355

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste novo livro de contos, Rubem Fonseca traz de volta um personagem marcante de sua trajetória literária, o detetive Mandrake, contratado para desvendar quem está por trás de uma série de assassinatos envolvendo o editor de uma famosa revista feminina. Além dessa, a coletânea reúne outras narrativas mais curtas, em que temas caros ao autor voltam à cena, entre eles a desigualdade social e suas consequências muitas vezes trágicas; a violência motivada por racismo, misoginia, homofobia e outros preconceitos; a crítica velada ou escancarada a dogmas religiosos; as atitudes imprevisíveis de mentes psicopatas. Tiros certos de um autor do mais alto calibre.

[Compre agora e leia](#)



Somos o
Brasil
NELSON RODRIGUES
WE ARE BRAZIL



Somos o Brasil

Rodrigues, Nelson

9788520938218

128 páginas

[Compre agora e leia](#)

Graças à seleção, descobrimos o Brasil. Tenho um amigo que é um dos tais brasileiros rubros de vergonha. Dizia-me: — "Junto da europeia, a nossa paisagem faz vergonha." Mas ele dizia isso porque jamais olhara a nossa paisagem. O escrete, porém, derrotou o seu esnobismo hediondo. Depois da vitória sobre a Bulgária, ele viu, pela primeira vez, o Cristo do Corcovado. E veio me dizer, de olho rútilo: — "Parece que temos aí um morro que promete, um tal de Pão de Açúcar!" *Thanks to the soccer national team, we discovered Brazil. I have a friend who is one of such Brazilians who are crimson with shame. He told me: — "In comparison with the European landscape, ours is a shame." But he said that because he had never looked at our landscape. The team, however, defeated its heinous snobbishness. After the victory over Bulgaria, he saw, for the first time, the Christ of Corcovado. And he came to tell me, with bright eyes: — "It seems that we have here a promising hill, the Sugarloaf Mountain!"* EDIÇÃO BILÍNGUE / BILINGUAL EDITION

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Prefácio](#)

[Sumário](#)

[Dedicatória](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça os títulos da Coleção Clássicos de Ouro](#)

[Colofão](#)